



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ROSANA MYCKELY MARQUES DE OLIVEIRA

**O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E
ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS
DE ENSINO FUNDAMENTAL, ITAITUBA-PA**

ITAITUBA/PA
2019

ROSANA MYCKELY MARQUES DE OLIVEIRA

**O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E
ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS
DE ENSINO FUNDAMENTAL, ITAITUBA-PA**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena
em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

ITAITUBA/PA
2019

OLIVEIRA, Rosana Myckely Marques de.

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO FUNDAMENTAL, ITAITUBA-PA / Rosana Myckely Marques de– Itaituba: CLPP da FAI, 2019.

69 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2019.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Leitura e Escrita. 2. Ensino e Aprendizagem. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2019.

ROSANA MYCKELY MARQUES DE OLIVEIRA

**O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E
ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS
DE ENSINO FUNDAMENTAL, ITAITUBA-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao
Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba,
para obtenção do título de Licenciado Pleno em
Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina
Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Ma. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Esp. Lúcia Maria da Costa Cruz

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 14 de março de 2019.

Em primeiro lugar a Deus, a minha mãe, Luzimar Marques de Oliveira, que sempre me apoio em todas as minhas decisões e sempre está comigo em todos os momentos me fortalecendo. A toda minha família e amigos, que com muito carinho e apoio fizeram com que chegasse até aqui. A eles dedico essa conquista com muito amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeira mente a Deus, por me guiar em todo o percurso desta caminhada me dando força para continuar em frente.

A minha família, ao meu esposo, Geovane Diego Pinto de Moraes, as minhas filhas Vitória e Valentina, minha irmã Raquel, meu avô Faustina e em especial a minha mãe, Luzimar Marques de Oliveira que sempre esteve ao meu lado me apoiando e orando por mim. Obrigada por tudo.

Agradeço aos professores da Faculdade de Itaituba, que tanto contribuíram para o meu crescimento enquanto acadêmica.

Agradeço a minha orientadora, Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, pela oportunidade e apoio na construção deste trabalho, por disponibilizar sua paciência e seu tempo nesta etapa importante da minha vida.

Agradeço aos meus amigos acadêmicos Vilanir, Emanuel, Marcelo, as minhas amigas e comadres Anny e Edivane que aceitaram o compromisso de guiar minhas filhas no caminho de Deus. E a amiga que mais me inspira a seguir em frente e nunca desistir, Edna da Conceição Coelho. A todos pelo companheirismo e amizade que levarei sempre comigo e pelos momentos alegres.

A todos os que contribuíram para esta pesquisa, professores e funcionários das escolas Prof^a Maria do Socorro Bentes Leite e Prof^a Maria de Oliveira de Mendonça.

Embora a relação entre alfabetização e letramento seja inegável, além de necessária e até mesmo imperiosa, ela, ainda focalize diferenças, acaba por diluir a especificidade de cada um dos dois fenômenos. (SOARES, 2003, p. 08).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar as práticas educativas que norteiam o processo de aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais, assim como os desafios que envolvem este processo para desenvolver nos alunos as competências cognitivas, afetivas, emocionais, sociais e culturais de maneira significativa. O processo de ensino e aprendizagem possui uma complexidade, onde se procura ensinar a leitura e a escrita da melhor forma possível, estimulando a criança através de métodos e práticas de ensino que incorpora os aspectos econômico, social, político e cultural para que o aluno se desenvolva por completo. Como procedimento metodológico foi realizado uma pesquisa bibliográfica com diversos autores com intuito de se aprofundar um pouco mais. Foram pesquisadas duas escolas públicas do município, onde foram entrevistados os professores das turmas de terceiro ano do ensino fundamental. O resultado que se obteve através desta pesquisa foi que apesar da falta de compromisso dos pais com a educação de seus filhos, a escola tem conseguido desenvolver com êxito a prática do letramento. Em relação às dificuldades de leitura e escrita, os professores se colocam como mediadores na prática de alfabetização e letramento dos alunos. Fazem o uso da leitura na rotina escolar, além de fazerem adaptações de acordo com a realidade de seus alunos. Os principais desafios estão na ausência dos pais no acompanhamento educacional dos filhos, entendendo que os conflitos familiares refletem diretamente no baixo desempenho do aluno, fatores como a insuficiência de livros e materiais didáticos também são outros aspectos que contribuem para o baixo rendimento escolar dos alunos. Através de projetos as escolas atuam no incentivo à leitura, desenvolvem atividades com vários temas literários, buscando prender a atenção de seus educandos e conseqüentemente estimular a leitura prazerosa.

Palavras-Chaves: Alfabetização. Letramento. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This course was aimed at analyzing the educational practices that guide the learning process of reading and writing in the early years, as well as the challenges involved in developing the students' cognitive, affective, emotional, social and cultural skills significantly. The process of teaching and learning has a complexity, where it seeks to teach reading and writing in the best possible way, stimulating the child through teaching methods and practices that incorporates the economic, social, political and cultural aspects so that the student fully develop. As a methodological procedure, a bibliographical research was carried out with several authors in order to delve a little more. Two public schools of the municipality were surveyed, where the teachers of the third year classes of the elementary school were interviewed. The result obtained through this research was that despite the parents' lack of commitment to the education of their children, the school has been able to successfully develop literacy practice. Regarding the difficulties of reading and writing, the teachers place themselves as mediators in the practice of literacy and literacy of the students. They make use of reading in the school routine, besides making adaptations according to the reality of their students. The main challenges are in the absence of parents in the educational monitoring of the children, understanding that family conflicts directly reflect the poor performance of the student, factors such as insufficiency of textbooks and teaching materials are also other aspects that contribute to the low achievement of students. Through projects, schools act in the incentive to read, develop activities with various literary themes, seeking to capture the attention of their students and consequently stimulate pleasant reading.

Keywords: Literacy. Literature. Elementary School.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfis dos entrevistados.....	48
Quadro 2. Concepção e prática X Alfabetização e Letramento.....	52
Quadro 3. Jogos e brincadeiras para uma alfabetização significativa.....	53
Quadro 4. Ludicidade como ferramenta de alfabetização e letramento.....	54
Quadro 5. Literatura Infantil.....	54
Quadro 6. Recursos pedagógicos na prática de leitura e escrita.....	55
Quadro 7. Avaliação da turma quanto à leitura e escrita.....	56
Quadro 8. Ação do professor frente às dificuldades da leitura e escrita dos aluno.....	57
Quadro 9. Fatores que interferem no desenvolvimento da aprendizagem.....	58
Quadro 10. Desafios enfrentados pelos professores.....	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Frente da EMEF Profª Maria do Socorro Bentes Leite (2018).....	48
Figura 2. Amostra do Projeto Leitura em Ação.....	49
Figura 3. Noite cultural (Escola A, 2018).....	49
Figura 4. Frente da EMEF Profª Maria Oliveira de Mendonça (2018).....	50
Figura 5. Projeto de Igual para Igual.....	51
Figura 6. Projetos Culturais (Escola A, 2018).....	59
Figura 7. Apresentações de trabalhos em sala de aula.....	60
Figura 8. Cantinho da leitura (Escola B, 2018).....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A LEITURA E A ESCRITA NAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS.....	13
1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS.....	13
1.2 A LEITURA E A ESCRITA NA VISÃO DOS TEÓRICOS.....	18
1.3 O LETRAMENTO NO CONTEXTO FAMILIAR.....	24
2 DESAFIOS METODOLÓGICOS DO ATO DE LER E ESCREVER.....	29
2.1 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	29
2.2 O PAPEL DO PROFESSOR NO LETRAMENTO.....	33
2.3 A IMPORTÂNCIA DA SALA DE LEITURA.....	38
2.4 LUDICIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	42
3 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO FUNDAMENTAL, ITAITUBA-PA.....	47
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	47
3.2 CARACTERIZAÇÃO DAS ESCOLAS.....	48
3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES.....	51
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
BIBLIOGRAFIA.....	64
APÊNDICES.....	68

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar as práticas educativas que norteiam o processo de aprendizagem da leitura e escrita nos anos iniciais, assim como os desafios que envolvem este processo para desenvolver nos alunos as competências cognitivas, afetivas, emocionais, sociais e culturais de maneira significativa.

Percebe-se que, na busca constante de resultados as instituições de ensino ainda fazem uso dos métodos tradicionais onde o aluno é um mero receptor. No entanto, sabendo que a leitura contribui de forma significativa para o desenvolvimento da criança como futuro cidadão, dada a importância de despertar nos pequenos o gosto pela leitura de forma lúdica e prazerosa. A leitura contribui de forma significativa para a vida em sociedade e por meio dela se desenvolve a capacidade intelectual e cultural do indivíduo. Não há como ignorar a importância de se ter profissionais preparados para ajudar no crescimento das crianças enquanto futuros cidadãos e no desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e social durante a fase mais importante da sua vida.

Desse modo, as questões que direcionaram este trabalho foram: Quais os procedimentos pedagógicos utilizados pelos professores do 3º ano do EF na prática da alfabetização na perspectiva do letramento? Que desafios que se apresentam aos professores do 3º ano do EF no processo de ensino da leitura e escrita? Como a escola atua no incentivo à leitura e escrita? Para tanto, como procedimento metodológico foi realizado uma pesquisa bibliográfica que contou com as contribuições de alguns autores que investigam o tema, como: Soares (1996, 2003), Luckesi (2015), Frade (2007), Ferreiro (2011), Salvador (2000) e Kleiman (2008). Também em contribuição a execução deste trabalho foi realizada uma entrevista com 03 professores que atuam em turmas de 3º ano, sendo 02 (dois) da EMEF Professora Maria do Socorro Bentes Leite e 02 (dois) da EMEF Profª Maria Oliveira de Mendonça, por meio de questionários com objetivo de explicitar melhor a prática educacional da leitura e escrita.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está dividido em três capítulos. O primeiro faz uma abordagem teórica sobre os aspectos conceituais de alfabetização e letramento e a importância da família na superação das dificuldades no processo de letramento.

O segundo capítulo traz os desafios metodológicos do processo de alfabetização e letramento como eles são desenvolvidos no decorrer do ano e como o professor utiliza suas práticas para estimular o aprendizado. Questões que trazem a importância de se trabalhar a ludicidade para melhor o desenvolver na criança o gosto pela leitura, afim de despertar a curiosidade e o prazer pela leitura e escrita. Assim como a importância da sala de leitura no processo de ensino e aprendizagem.

O terceiro capítulo faz, uma análise das práticas do professor no ensino da leitura e escrita e como o trabalho é desenvolvido e quais métodos são utilizados. Traz a caracterização do campo de pesquisa e retrata a metodologia adotada, bem como a opinião dos entrevistados.

1 A LEITURA E A ESCRITA NAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS

1.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS

Ao longo da história da educação pode-se notar um grande salto no avanço das tecnologias voltadas para a educação. Essas transformações educacionais que aconteceram no decorrer dos anos são significativas, pois, a sociedade se torna cada vez mais exigente a respeito da ação de educar e isto faz com que se busque novas tecnologias e novos métodos para aperfeiçoar o ensino e aprendizagem.

O conceito de alfabetização surge durante a segunda guerra mundial. Inicialmente as campanhas de alfabetização em massa eram direcionadas primeiramente aos adultos e posteriormente, às crianças. Segundo Santos (2007, p. 25), a alfabetização das pessoas comuns se dá antes da escolarização em massa, ocorrida no século XVIII, quando neste mesmo período surgem as fábricas, momento este em que a população era completamente ruralista e agrária e passa a torna-se mais urbana conforme os avanços industriais que aconteciam na época.

Nesse contexto, antes dos séculos XVIII e XIX a leitura e a escrita estavam associadas ao poder, pois aqueles que detinham o poder econômico e social eram quem tinha acesso à leitura e a escrita. Entretanto, ouviu-se falar a respeito da alfabetização popular como processo de escolarização em massa impulsionado pela industrialização. (IBIDEM, p. 26). Assim, diante do que foi exposto não se pode afirmar que somente a partir do século XVIII as pessoas comuns passaram a serem alfabetizadas visto que estudos mostram que a alfabetização já acontecia de maneira informal através de pequenos grupos de pessoas que se reuniam em vários locais como em suas próprias casas para praticarem a leitura.

São vários os elementos que contribuíram para o avanço da cultura letrada. Dentre eles está a reforma protestante e a contrarreforma. Estes conflitos religiosos deram um impulso significativo no processo de letramento da população visto que se passou a questionar a mediação da igreja entre Deus e os fiéis. Desse modo, cada indivíduo passa a ter acesso às sagradas escrituras como forma de garantir a sua salvação.

Foi a partir desse momento então, que as igrejas protestantes começaram a dar mais atenção para o ensinamento da leitura nas igrejas e passaram a estimular a prática da leitura bíblica pelas famílias. Portanto, a alfabetização em massa é uma

consequência do processo de desenvolvimento da alfabetização popular que se deu por meio de movimentos sociais. De fato, a alfabetização está ligada muito mais com a catequese cristã do que com o processo de industrialização, pois, a escolarização foi uma consequência promovida pelo desenvolvimento de uma alfabetização culturalmente popular.

Segundo Rocha (2006, p. 12, 13), a humanidade historicamente vem se comunicando principalmente pela oralidade. Algumas sociedades nos tempos atuais ainda tem a oralidade como principal meio de comunicação. Durante a antiguidade poucas pessoas escreviam, havia momentos específicos onde a escrita era utilizada, como a escritura das leis, o registro de estoque de alimentos do reino, ou a correspondência real. Nesse período, as poucas obras que existiam circulavam apenas entre pessoas de classes privilegiadas, alguns poucos liam entre si ou liam para um grupo maior de ouvintes. Dessa forma, se caracterizava a escrita e seus praticantes, restrita e de pouca acessibilidade, uma vez que se acreditava não haver necessidade de que a escrita fosse difundida.

Somente a partir da Idade Moderna foi que a divulgação dos conhecimentos existentes nos livros se tornou uma aspiração comum e uma necessidade em que todos se tornassem letrados. Esse processo de divulgação tem aproximadamente duzentos anos e no Brasil é mais recente.

A partir dessa concepção nota-se dois fenômenos ocasionados pelo processo no qual a escrita destinava-se da fala criando uma forma diferente de linguagem. Ao longo do tempo os pequenos grupos de pessoas de classes privilegiadas acabaram por dominar com mais facilidade essas diferenças na linguagem escrita e falada, e assim desenvolveram as similaridades e as características próprias entre fala e escrita.

De acordo com Saviani (2009, p. 143), já havia uma necessidade de formação para docentes desde Comenius no século XVII, onde o primeiro estabelecimento voltado para a formação de docentes foi criado em 1684, por São João Batista de La Salle, em Reims. A ideia de se institucionalizar a escola para a formação de professores surge das ideias liberais e sistematizadas. No século XIX, foi colocado o problema da instituição pública expandindo assim, o ensino para todas as camadas sociais. Contudo, essas prioridades acabaram sofrendo grandes influências que se tornaram precárias, pois, a relação entre sociedade e escola era dificultosa.

No contexto das ideias acima expostas, entende-se que o fracasso da alfabetização vem desde este período e prossegue até os dias atuais. Assim, conforme Soares (2003, p. 11) afirma “[...] parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas”. De acordo com a autora, um grande problema que afeta a qualidade do ensino no Brasil é que muitos profissionais da educação acabam mesclando ou confundindo o significado dos conceitos de alfabetizar e letrar.

Para Silva (2013, p. 60), o conceito apresentado sobre alfabetização ganhou novas dimensões a partir dos estudos desenvolvidos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Emília e Teberosky são as grandes pesquisadoras responsáveis por desenvolver “A Psicogênese da Língua Escrita” no final dos anos 70, partindo do pressuposto da teoria de Piaget que afirmava, que todo conhecimento tem uma origem. Foram através destas pesquisas que esclareceram como acontecem as etapas do desenvolvimento das crianças e o caminho que elas percorrem até chegarem ao domínio da leitura e da escrita. De acordo com o autor, após esta pesquisa, a alfabetização passou a ser um processo mais ativo no qual a criança constrói e reconstrói hipóteses desde seus primeiros contatos com a escrita. Assim, a criança de acordo com seu desenvolvimento, descobre o funcionamento da linguagem escrita.

O caminho percorrido pela criança está ligado a uma sequência de níveis hierárquicos, em que no nível um, a criança seria estimulada a solucionar problemas conforme o seu processo de construção de um novo saber. A partir do momento em que ela consegue solucionar problemas se sentirá estimulada a buscar respostas e explicações. A psicogênese da linguagem escrita não pode se resumir a uma sequência de níveis prefixados, mas sim parciais.

Na visão de Stromquist (2001, p. 303), a sociedade nos tempos atuais sofre grandes influências da economia, tecnologia e da globalização em massa fazendo com que os níveis de educação se tornem cada vez mais exigentes. Por conta desses avanços, uma grande quantidade de pessoas com níveis baixos de educação e com limitações nas habilidades de leitura e escrita acabam por ficarem à margem da sociedade.

Soares (2003, p. 06) relata que a partir dos anos de 1980, a palavra Letramento surge nos discursos de vários especialistas das ciências linguísticas assim como da educação. A palavra “letramento ou *literacy*” surge em um mesmo momento histórico

em várias sociedades diferentes tanto socialmente quanto culturalmente sendo nomeada (*literacy*) nos Estados Unidos e Inglaterra, (*illettrisme*) na França, (*literacia*) em Portugal e (letramento). No Brasil, a palavra surge com o objetivo de ampliar o conceito de alfabetização trazendo uma atenção maior para as habilidades de leitura e de escrita.

Assim sendo, no contexto brasileiro tem-se os primeiros registros sobre o letramento na obra de Mary Kato de 1986 com o título “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, da Editora Ática. Em meados da década de 80, as discussões a respeito das altas taxas de repetência e analfabetismo no país trouxeram questionamentos ligados à problemática que contribuíram para que se buscasse um termo que representasse o nível de aprendizagem da linguagem escrita e falada para além do significado de alfabetização/alfabetizado e que identificasse a aquele que estava alfabetizado, daquele que dominava a leitura e a escrita nas práticas sociais. A necessidade de nomear e dar sentido aos novos fatos e ideias que buscavam compreender a presença da escrita no contexto social que vai além da alfabetização, ou seja, o indivíduo além do saber ler e escrever, passa a compreender e incorporar estes saberes de leitura e escrita em suas práticas sociais. (SOARES, 1996, p. 15-25).

O conceito de letramento no Brasil aparece sempre ligado à alfabetização, ao contrário do que acontece em outros países onde o termo se faz de maneira independente da discussão de alfabetização. O termo letramento (*literacy*) indica a condição ou estado daquele que aprende a ler e a escrever. Desse modo, a escrita traz consequências culturais, políticas, sociais, econômicas e cognitivas tanto para o meio social em que está inserido quanto para o próprio indivíduo que se apropria dela. Por outro lado, o conceito de alfabetizado, ou seja, aquele que adquire a habilidade de ler e escrever consequentemente altera o seu estado ou condição sobre o aspecto cultural, político, social, econômico, cognitivo, individual e da sociedade em que está inserido.

A partir desses pressupostos, depreende-se a ideia de que o termo Letramento surge ao lado do vocabulário Alfabetização, como consequentemente os conceitos se mesclam e por sua vez se confundem. Fica evidente no censo de 1940 quando o indivíduo declarava saber ler e escrever, era interpretado como aquele que sabe escrever o próprio nome. A partir do censo de 1950, o conceito de alfabetizado passou a ser aquele que é capaz de ler e escrever um bilhete simples desta forma, o indivíduo

já exercia a prática da leitura e a escrita no contexto social aproximando-se assim cada vez mais do termo de letramento. (SOARES, 2003, p. 07).

Assim como em outros países, o Brasil enfrenta problemas quando se fala a respeito da qualidade da educação em especial dos anos iniciais do ensino fundamental, por conta das altas taxas de repetência e evasão escolar e a baixa qualidade na educação. Muito se tem procurado encontrar as causas para estes problemas, porém nenhuma teve grande peso na busca de se encontrar a solução. Por muito tempo se acreditava que o problema da baixa qualidade na educação fosse à alfabetização fundamentada em uma pedagogia tradicional. (SOARES, 2003, p. 06, 07).

Atualmente, as principais causas que envolvem a baixa qualidade do ensino no Brasil estão ligadas à perda da especificidade da alfabetização. Soares (2003, p. 08, 09) chama de “desinvenção da alfabetização”, pois não se pode utilizar apenas uma prática de alfabetização (escolher essa ou aquela), mas sim procurar as que mais contribuem para uma alfabetização significativa e quais convêm serem aplicadas de acordo com o contexto.

Para essa tomada de consciência é necessário atentar que, embora o termo letramento esteja intimamente ligado ao termo de alfabetização é importante destacar a necessidade de se reconhecer as características que distingue alfabetização e letramento, pois, enquanto alfabetização é entendida como a aquisição do sistema de escrita convencional, o letramento está voltado para o desenvolvimento do comportamento e das habilidades de leitura e escrita e do uso competente das práticas sociais.

Desse modo, percebe-se que os termos se diferenciam em relação ao objeto de conhecimento e no processo de desenvolvimento linguístico e cognitivo da aprendizagem. Assim sendo, embora tenham conceitos diferentes e interdependentes são inseparáveis, um só tem sentido se o outro existir. A concepção de letramento implica como sendo,

[...] não as próprias *práticas* de leitura e escrita, e/ou os *eventos* relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o *impacto* ou as *consequências* da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o *estado* ou *condição* de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas. (SOARES, 2002, p. 145).

Conforme a autora, para ser uma pessoa letrada não basta ter o domínio da leitura e da escrita é preciso utilizar estes meios de comunicação para se integrar socialmente e como consequência influenciar na transformação do meio em que está inserido questionando e expondo suas opiniões.

De acordo com Silva (2013, p. 59), o professor ainda utiliza práticas tradicionais em sala de aula fazendo com que o aluno seja dependente do professor inibindo a autonomia do aluno de fazer a sua própria leitura sem esperar um comando. Para que a criança se torne um bom leitor não basta ela se apropriar do sistema de escrita é preciso que ela desenvolva a habilidade e o hábito de ler, de produzir texto, fazer críticas, discutir e analisar os textos lidos por elas.

É importante que o professor faça seu planejamento de acordo com as necessidades de seus alunos. Desse modo, os conteúdos e as atividades que serão aplicadas procuram sempre desenvolver a melhor prática de ensino com o objetivo de estimular e facilitar o aprendizado. O planejamento exige muito do professor, pois ele sempre tem que buscar novas metodologias a fim de despertar o interesse e prender a atenção dos alunos durante as atividades, com o objetivo de atender as necessidades de seus alunos.

1.2 AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NAS TEORIAS

A fala e a escrita, são os principais instrumentos de aprendizagem que o ser humano utiliza para se desenvolver e conectar-se com o mundo. É através da leitura que podemos expressar nossa cultura e nossas vivências. Piaget é um dos grandes teóricos que exerce grande influência na educação Brasileira.

Shaffer (2005, p.50) lembra que Piaget foi o teórico que mais contribuiu para o entendimento do pensamento infantil. Começou a investigar o desenvolvimento intelectual na década de 1920, um dos campos de seu interesse era a Epistemologia. A partir de então começou a mapear o curso do crescimento da inteligência das crianças como evoluem de um modo de pensar para o outro.

Para Piaget (2004, p. 13), o desenvolvimento cognitivo passa por várias etapas de desenvolvimento que são ordenadas e previsíveis no qual ele chama de estágios e períodos do desenvolvimento que são caracterizadas pelas maneiras de como o indivíduo interage com o ambiente. O desenvolvimento mental das crianças e dos

adolescentes como uma construção continua à medida que adquire mais conhecimento, mais sólido ficará.

Piaget acreditava que o processo que a criança utiliza para construir o seu conhecimento era muito importante dentre os fatores que ele considerava de grande relevância. Nos primeiros anos de vida os esquemas são comportamentais e possuem uma estrutura simples como o ato de um bebe sugar, olhar ou pegar um objeto. Para Piaget, a aquisição da linguagem vem de uma inteligência completa, pois segundo o teórico a criança tem que se desenvolver completamente para poder adquirir a aquisição da linguagem levando em consideração o meio e a interação com objeto, com o indivíduo e com a cultura. A inteligência ocorre quando o indivíduo faz adaptações entre o sujeito e o meio resultando de sucessivos equilíbrios entre assimilação e acomodação (PIAGET, 2004, p. 02).

Para Santrock (2009, p. 37, 38), a criança organiza cognitivamente suas experiências, assim o indivíduo está sempre em constante desenvolvimento. Buscando explicar como a criança passa de um estágio para outro, Piaget diz que essa mudança ocorre quando a criança tenta entender o mundo, assim ela entra em conflito ou desequilíbrio cognitivo e quando consegue resolver os conflitos, por sua vez consegue equilibrar seus pensamentos. Conforme o raciocínio da criança se desenvolve, ela consegue resolver seus conflitos entra em equilíbrio novamente passando de um estágio para o outro.

Piaget faz-nos ver que aquilo que o aluno aprende depende, sobretudo, dos esquemas que construiu e da maneira de organizá-los, esquemas que lhe servem de marco assimiladores para adquirir novos conhecimentos. Os seus postulados, solitários: o aluno o aprende sozinho e de maneira natural mediante as ações que desenvolve em interação com os objetos. (SALVADOR *et al*, 2000, p. 252).

Considerando esses aspectos, a teoria Piagetiana mostra que o indivíduo constrói o seu próprio conhecimento através do contato com o objeto e com o meio em que está inserido fazendo assimilações e acomodações para adquirir conhecimento. Para Piaget, o sujeito é um organismo que seleciona as informações que irão servir para o seu processo de desenvolvimento. Piaget é a figura central na teoria do cognitivo-desenvolvimental. Suas teorias moldaram o pensamento de várias gerações de psicólogos, entre eles está Lev Vygotsky que também procurava

compreender a origem do conhecimento das crianças, porém em um campo diferente de Piaget.

Na visão de Bee (2003, p.47, 48), Vygotsky baseou-se na interação social como meio de desenvolvimento do pensamento. A aprendizagem de novas habilidades cognitivas acontece através da orientação de uma pessoa com mais experiência que a criança e esta por sua vez irá moldar e estruturar a experiência de aprendizagem da criança “que ele chamou de zona de desenvolvimento proximal - aquela variedade de tarefas que são difíceis demais para a criança fazer sozinha, mas que ela consegue fazer com orientação”.

A teoria de Vygotsky diz que as características humanas são resultado da interação do indivíduo com o meio social. O pensamento, a afetividade e a memória evolutiva dos seres humanos entre outras são essas capacidades típicas humanas que nos diferenciam dos outros animais e são os instrumentos mediadores que nos permite controlar nossos comportamentos e as práticas conscientes dos significados propostos pelos instrumentos de mediações. Para Vygotsky, as crianças nascem apenas com as funções psicológicas elementares e conforme são introduzidas no meio e na cultura essas funções se transformam em funções psicológicas superiores.

Por isso, o meio social e cultural é que dispõe dos signos e dos sistemas de signos necessários para formar os processos psicológicos superiores, pois o desenvolvimento individual consiste, em boa parte, no acesso progressivo a esse signos e sistema de signos ou, em outras palavras, na aprendizagem progressiva dos signos e da sua utilização. (SALVADOR, 2000, p. 259).

O desenvolvimento cognitivo da criança se dá através da interação com outros indivíduos e com o meio. Para que isto ocorra será preciso que haja uma interação ativa de troca de conhecimento entre duas pessoas pelo menos onde possibilite a troca experiências e ideias. Assim, a participação e interação da criança em atividades com outras pessoas que entende o uso do sistema de signos possam ajudar esta criança a utilizar os signos de forma cada vez mais competente. Um signo compreende algo significativo para o indivíduo como a escrita e a linguagem falada. De fato, a aprendizagem se dá através da interação social mediada através da linguagem e da ação, para que a aprendizagem ocorra, a interação deverá acontecer dentro da zona proximal.

Segundo Salvador (2000, p. 260), a zona de desenvolvimento proximal é o conceito mais citado da teoria de Vygotsky, sendo assim, “a ZDP pode ser definida

como a diferença existente entre o nível do que a pessoa é capaz de fazer com a ajuda de outros e do nível das tarefas que pode fazer de maneira independente”. A fim de explicar este conceito busca-se diferenciar dois níveis de desenvolvimento que Vygotsky chama de “nível de desenvolvimento real”, como aquilo que o indivíduo tem capacidade de fazer sozinho e o “nível de desenvolvimento potencial”, aquilo que o indivíduo precisa da ajuda de outros para desenvolver o seu potencial neste ponto as experiências são importantes pois o sujeito aprende através do diálogo, da imitação, etc.

De acordo com Coelho e Pisoni (2012, p.148), o conceito de ZDP é importante, pois ele possibilita pesquisar o desenvolvimento e o plano educacional da criança, de modo a possibilitar a elaboração de estratégias pedagógicas com o intuito de favorecer a evolução do aprendizado da criança. A zona ZDP ajuda a criança a transformar o desenvolvimento potencial em real. Aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de outro, amanhã ela fará sozinha.

A partir dessa compreensão, os autores argumentam que o desenvolvimento e a aprendizagem estão interligados, pois o meio exerce grande influência na aquisição de conhecimento, visto que a criança ao ingressar no ambiente escolar já traz consigo uma bagagem de conhecimentos adquiridos no seu cotidiano através de observações, manipulação de objetos estes por sua vez são chamados de conceitos cotidianos ou espontâneos. Aqueles conhecimentos adquiridos em sala de aula onde não estão ao alcance imediato e ao acesso direto das crianças estes conhecimentos são chamados de conceitos científicos.

Percebe-se então a importância da escola na formação do conhecimento científico, pois, a escola tem o papel de proporcionar a criança um conhecimento sistematizado. É na escola que ela vai aprender a ler e a escrever e terá acesso a outras informações que serão responsáveis por expandir o seu conhecimento.

A partir dessa compreensão destaca-se a teoria do construtivismo que surgiu no século XX, a partir das experiências do teórico Jean Piaget. O teórico procurava entender como se dava o processo de desenvolvimento da inteligência humana. A partir de seus estudos percebe que o desenvolvimento se constrói a partir da interação do indivíduo com o objeto e com o meio em que está inserido. Para Niemann e Brandoli (2012, p. 02), no Brasil, o construtivismo começa a ser divulgado através do Movimento da Escola Nova que foi aplicado principalmente nas escolas públicas do Brasil.

Diante deste contexto é importante destacar que, com uma compreensão equivocada da concepção do construtivismo no Brasil causou uma confusão na aplicação da teoria de Piaget, de modo que os professores que utilizavam os métodos tradicionais passaram a aplicar atividades mecanizadas para as crianças fugindo totalmente do contexto do construtivismo.

Para tanto, as pesquisas de Emília Ferreiro e de Piaget se concentram no mecanismo cognitivo relacionado à leitura e a escrita, sobre a visão de que a criança constrói seu próprio conhecimento. Ou seja, o conhecimento se constrói de dentro para fora e não através de continuas repetições característica do método tradicional.

Assim sendo, Ferreiro (2011, p. 15, 16) diz que no sistema de representação a escrita pode ser concebida de duas formas, de modo que a escrita possa ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras, que por sua vez se diferenciam onde a codificação usa os elementos já predeterminados de modo que o código encontra uma representação deferente para o mesmo esquema, e enquanto na representação se cria os elementos, e as relações não são predeterminadas.

Ferreiro traz novas perspectivas para a alfabetização quando mostra que o processo de aquisição do conhecimento por parte das crianças ocorre gradualmente conforme a teoria de Piaget, que diz que para a criança passar de um estágio para outro, a criança assimila e acomoda os esquemas internos. Emília Ferreiro se tornou uma referência para o ensino no Brasil quando através de suas pesquisas traz novas perspectivas para a alfabetização mostrando que as crianças constroem o seu próprio conhecimento (MELLO, 2003, p. 87).

De acordo com Ferreiro (2011, p. 19), as concepções das crianças a respeito do sistema de escrita não são produções espontâneas visto que a criança quando escreve determinado conjunto de palavras tal qual acredita ser o correto ela ainda está em fase de construção. Assim de acordo com a autora as primeiras escritas das crianças são linhas onduladas ou quebradas, continuas ou fragmentadas etc. A aparência gráfica a princípio não se parece com escrita, a escrita infantil dentro dos aspectos construtivistas valoriza aquilo que a criança quis representar enquanto no modelo tradicional valoriza-se os aspectos gráficos buscando a qualidade do traço ignorando os aspectos construtivos.

Assim sendo, as crianças formulam suas ideias e hipóteses para compreender como funciona o objeto de seu conhecimento. Para Ferreiro, a língua e a escrita são

uma representação da linguagem e não uma codificação e decodificação da mesma. Ferreiro se opõe ao conceito de alfabetização tradicional, em que se aplica o sistema de codificação e decodificação do código da língua escrita. Defende também que a aprendizagem acontece através da interação da criança com o objeto de seu conhecimento. (MELLO, 2003, p. 87, 88). “Ferreiro critica a alfabetização tradicional, por julgar a prontidão das crianças para o aprendizado da leitura e da escrita por meio de avaliação de percepção”, conforme Niamann e Brandoli (2012, p. 06). Para as autoras, esta forma de avaliação prende a atenção das crianças, pois ao ensinar desenhar as letras, não estaria necessariamente ensinando as crianças a compreender o que estavam lendo ou escrevendo.

Nessa perspectiva, o livro de Emília Ferreiro denominado “Psicogênese da língua escrita”, publicado no Brasil em 1985 é utilizado pelo governo de São Paulo como metodologia pedagógica na tentativa de resolver os problemas educacionais existentes na época e até os dias atuais. Ferreiro exerce grande influência na educação brasileira.

[...] os discentes para aprender a ler e a escrever enfrentam quatro fases, denominadas pelas autoras de: pré-silábico; silábico; silábico alfabético e alfabético. [...] a transferência de uma fase para outra ocorre por meio de diversos conflitos desenvolvidos internamente nos sujeitos e provocados pelo contato com os escritos de um adulto ou de outra criança. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985 *apud* MACHADO; SODOSKI, 2015, p. 29450).

A partir dessa compreensão, as autoras explicam que a criança no processo de alfabetização vai passando de uma fase para outra gradualmente. De modo que, na fase pré-silábico nível 1º, a criança se expressa através de desenhos. É a fase das garatuñas. Na fase pré-silábico nível 2º, a criança é capaz de fazer a diferenciação entre gravuras, letras e números. Já conseguem traçar algumas letras do alfabeto. Percebem que precisão de vários caracteres para obter uma palavra distinta.

A fase silábica se divide em silábico com valor sonoro, silábico sem valor sonoro e silábico alfabético. Assim na fase silábico sem valor sonoro a criança não leva em consideração o som das letras. Escreve com a quantidade de letras corretas porem não considera o som que elas produzem.

A fase silábica com valor sonoro a criança percebe que a escrita esta relacionada com o som das letras, e isso traz a necessidade de utilizar uma grafia para cada som. Utilizam os símbolos gráficos aleatoriamente fazendo uso apenas de

consolante ou só de vogais, nesta fase a criança relaciona a linguagem oral com a escrita.

A fase silábica alfabética a criança oscila entre os dois níveis e tenta escrever silabicamente como alfabeticamente. Fazem correspondências entre os sons das formas silábicas e alfabéticas. Por outro lado, a fase alfabética a criança supõe que aja a necessidade de analisar os fonemas das palavras, a sílaba não pode ser considerada uma unidade e ela pode ser dividida em unidades menores. O som não garante a identificação da letra.

Portanto, os textos que são sugeridos aos professores buscam mostrar como se aplicar na prática pedagógica as contribuições de Ferreiro visto que muitos professores não conseguiam aplicar a teoria de Piaget na sua prática pedagógica e Ferreiro vem mostrar como desenvolver um saber pedagógico direcionado para as crianças e não presos há teorias de desenvolvimento e que não são os métodos que alfabetizam e sim, as próprias crianças que constroem seu conhecimento.

1.3 O LETRAMENTO NO CONTEXTO FAMILIAR

O conceito de família vem se modificando ao longo do tempo acompanhando as mudanças que ocorrem na sociedade. Família consiste em um conjunto de pessoas que possuem um grau de parentesco entre si e vivem no mesmo lar. Mesmo com todas as mudanças ocorridas, a constituição de família no período histórico que vivemos ainda é predominantemente nuclear composta pelo pai, mãe e filhos, independente da formação que a família possa constituir ainda sim é de responsabilidade da mesma a educação dos filhos, pois a família é a primeira instituição de ensino que a criança tem contato desde o momento que nasce.

O aprendizado de uma criança evolve vários fatores que podem ser internos ou externos, com isso a família tem grande importância no processo de aprendizagem desta criança. O processo de aprendizagem do ser humano sempre esteve envolvido com os aspectos familiares, nos primórdios os seres humanos transmitiam seus conhecimentos com propósito de sobrevivência os ensinamentos repassados aos mais novos tinham caráter moral, social e cultural.

Ariès (1986, p. 226-270), baseado em um texto do século XV, afirma que na Inglaterra a educação das crianças era garantida através do aprendizado junto aos adultos em um lar que não era o seu. Os pais entregavam seus filhos a outras famílias

para que seus filhos fossem educados, as crianças permaneciam nos lares estranhos dos sete anos ao quatorze ou dezoito anos. Eram chamadas de aprendizes, no período medieval a educação das crianças se dava através do contato direto com os adultos participavam dos jogos e da vida em sociedade ainda muito jovens, aprendiam os valores, os costumes e o seu ofício.

Por volta do século XVIII o comportamento da família muda, ela passa a ser mais limitada a zona particular mantendo a sociedade distante de seu lar. A família moderna se mostra mais afetuosa com as crianças, a saúde e educação, se tornam a principal preocupação dos pais. O autor afirma ainda que as famílias mais pobres do início do século XIX ainda viviam como as famílias medievais onde valorizavam o trabalho visto que as famílias mais pobres ainda eram bastante numerosas e moravam próximos a casa de seus patrões. (AIRÈS, 1986, p. 271).

Considerando esses aspectos, Santos (2009, p. 02), pondera que é no núcleo familiar que a criança começa a se desenvolver de maneira natural, é importante manter a qualidade do ambiente familiar. A família tem papel importante durante o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, pois, a família é responsável por preparar a criança para que esta consiga lidar com as frustrações do dia a dia, os pais deveram mostra estratégias de com seus filhos deveram lidar com as emoções negativas além de se envolverem com os sentimentos dos filhos mostrando segurança, e construir um relacionamento mais próximo com os filhos. Assim como as instituições escolares e a sociedade também fazem parte do desenvolvimento do ser humano, pois há necessidade de aprender os valores e os costumes.

Assim sendo, Abbud; Santos (2002, p. 43) compreendem que, é na família que a criança terá suas primeiras experiências, e por tanto ela é responsável pelo seu crescimento como um todo, a família tem função de socializar e desenvolver a personalidade da criança tanto intelectual, emocional e social. A família forma o ser humano e é sua responsabilidade desenvolve o conceito de aprendizagem, iniciativa e criatividade, fazer com que a criança compreenda o seu papel na sociedade.

Dependendo do ambiente familiar, ele agrega comportamentos e valores bons ou ruins, visto que para que haja um bom desenvolvimento em todos os seus aspectos é necessário que a criança sinta amor e carinho por parte dos pais ou responsáveis, a criança percebe tudo ao seu redor e isto interfere diretamente em seu comportamento e em seu desenvolvimento.

Para Lopes *et al* (2016, p. 22, 23), a família tem grande importância no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. Tanto a escola quanto a família possui papéis distintos, porém, são complementares no auxílio do processo de aquisição de conhecimento por parte dos pequenos. A escola deverá auxiliar a criança a construir sua própria história fazendo com que a família se envolva na construção do conhecimento e no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos.

A educação ocorre em dois ambientes e em contexto diferentes e ambos são de grande importância durante o processo de desenvolvimento das crianças. A família é a primeira instituição que a criança tem contato, a família age como um agente socializador e é onde a criança se sente mais segura. Desse modo, o envolvimento da família na alfabetização das crianças é de fundamental importância, os pais devem apoiar e estimular os filhos no processo de aprendizagem independentemente do seu desempenho escolar. O apoio dos pais irá propiciar um bom resultado no desenvolvimento de seus filhos.

Nesse sentido, a educação familiar é um fator importante na formação do indivíduo, a socialização da criança entre família, escola e sociedade na faixa etária de 0 a 7 anos de idade é importante, pois nessa fase é quando ocorre a primeira socialização da criança. Com a interação com outras pessoas a criança aprende opiniões valores atitudes e respeito, nesta fase a família e a escola tem papel de mediadores. Os pais devem estimular e apoiar seus filhos, para que tenha um bom desenvolvimento independente do desempenho de seus filhos os pais devem apoiá-los para que possam alcançar o seu objetivo. (VIEIRA NETA; SILVA, 2014, p. 55).

Desse modo a família é responsável por estabelecer os primeiros padrões de conduta e da relação entre o sujeito e sociedade, enquanto a escola estabelece uma relação mais didática com um tempo limitado, mais que tem sua importância nesse processo de desenvolvimento da criança.

Segundo Miguel e Braga (2009, p. 08), a escola deverá construir um canal de comunicação com a família, a fim de garantir uma relação mais próxima para ouvir e dialogar. Nesse sentido, a escola enquanto instituição educacional tem a difícil tarefa de estreitar relações entre escola e família, escola e sociedade, de modo que a educação escolar esteja associada com a participação direta da família no processo de ensino e aprendizagem das crianças. Quando há uma relação boa entre família e escola isto contribui para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança. Porém, a escola não poderá realizar tudo sozinha ela precisa que a família esteja

disposta a participar dos projetos desenvolvidos no ambiente educacional colaborando de forma ativa e participativa.

Para melhor entendimento destaca-se o contexto familiar vivenciado por essas crianças que muitas vezes não oferece a segurança necessária para que ela se desenvolva cognitivamente emocionalmente e socialmente. A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento dos alunos, mas é a família que é a base para as relações humanas é no meio familiar que essas relações se desenvolvem assim sendo “tanto a família quanto a escola são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento” (SADOVNIK; ECCO; NOGARO, 2013, p. 87).

Ainda segundo os autores, o reflexo do ambiente familiar vivenciado pela criança afeta diretamente o comportamento e o desenvolvimento das crianças, pois o ambiente familiar deve ser rico de afeto e carinho, para a criança se sentir segura e protegida para enfrentar os desafios que encontrará nas relações interpessoais.

Educar é um ato insubstituível iniciado na família e aprimorado na escola, o que as torna instituições indispensáveis para o desenvolvimento do ser, seja desenvolvendo suas potencialidades ou ensinando-lhe limites e vivenciando os valores que devem ser seguidos. Mas para que essa relação ocorra é necessário o trabalho cooperativo entre as duas entidades. (IBIDEM, p. 89).

Para os autores, o ato de educar inicia-se em casa visto que é a família que tem o papel de proporcionar o desenvolvimento da autonomia e dentro de suas possibilidades cria um ambiente favorável para que essa criança se desenvolva.

Diante dessa realidade, a família desempenha o papel de transmitir valores e condutas que são necessários para uma boa convivência em sociedade. Ou seja, a família exerce uma forte influência no desenvolvimento afetivo dos filhos, pois, as relações familiares refletem tanto positivamente quanto negativamente nas relações interpessoais. Portanto, o comportamento da criança no ambiente escolar e social será o reflexo do comportamento familiar visto que a família é a fonte dos principais valores morais e éticos que a sociedade espera de cada indivíduo. (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p. 127).

Tendo em mente os aspectos acima citados, vale ressaltar que a criança quando chega ao âmbito escolar já traz consigo uma bagagem de conhecimento adquiridos no meio familiar. Chegam à escola com costumes, valores, hábitos culturas que foram passados por sua família. “A família e a escola são dois ambientes educacionais diferentes, mais com objetivos em comum no desenvolvimento da

aprendizagem. Elas chegam ao ambiente escolar com o desejo de conhecimento e curiosidade” (VIEIRA NETA; SILVA, 2014, p. 56). Assim sendo, a educação começa muito antes das crianças ingressarem na escola, a escola irá proporcionar acesso a uma educação formal onde o acesso à leitura e escrita acontece de maneira formal, enquanto em casa tem acesso à leitura e escrita de maneira informal através da oralidade.

Os pais são os primeiros professores e são responsáveis pelos ensinamentos e valores que as crianças levaram por toda sua vida, e que contribui para o desenvolvimento social, pessoal e familiar. A educação passada de pai para filho tem um fator muito importante no aspecto criativo, crítico e ético que iram refletir positivamente no desempenho escolar da criança. Nessa perspectiva, compreende-se que, “é preciso haver um caminho de mão dupla entre escolas e famílias, propiciando conhecimento tanto da realidade familiar, cultural e social, como da realidade escolar: metas, atitudes e prioridades educacionais” (GARCIA; MACEDO, 2011, p. 210).

Portanto, o relacionamento entre família e escola muitas vezes encontram obstáculos, muitas famílias demostram interesse e afeto, e se mostram interessados no aprendizado dos filhos. Cabe ressaltar a importância de um tempo de qualidade com os filhos para incentivar e estimular as crianças no processo de alfabetização. A escola e a família devem buscar os mesmos objetivo e metas que contribuam para o melhor desenvolvimento do aluno/filho.

2 DESAFIOS METODOLÓGICOS DO ATO DE LER E ESCREVER

2.1 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O trabalho educacional voltado para a aprendizagem da leitura e da escrita exige que o professor busque metodologias que possibilitem uma melhor compreensão e promova a construção de conhecimento e uma metodologia de ensino agradável para os alunos. Assim sendo, para que os futuros cidadãos contribuam e participem da sociedade em que vivem é necessário que se domine a linguagem oral e escrita, pois é através destas linguagens que o indivíduo consegue adquirir novos aprendizados, tem novas ideias e expressar seus pensamentos. É necessário que faça uso das práticas de leitura e escrita e com isso consequentemente ampliem sua visão de mundo contribuindo para seu crescimento pessoal e social. Daí a importância de se apresentar desde cedo os livros às crianças valorizando-as como ser único e capaz.

Etimologicamente, considerando a sua origem grega, a palavra metodologia advém de *methodos*, que significa META (objetivo, finalidade) e HODOS (caminho, intermediação), isto é caminho para se atingir um objetivo. Por sua vez, LOGIA quer dizer conhecimento, estudo. Assim, metodologia significa o estudo dos métodos, dos caminhos a percorrer, tendo em vista o alcance de uma meta, objetivo ou finalidade. (MANFREDI, 1993, p.01).

Em concordância com a autora, metodologia é tudo aquilo que o professor utiliza como meio para facilitar a compreensão dos conteúdos, e a forma como este expõe o conteúdo com o objetivo de alcançar um melhor ensino e aprendizado. Trabalhar metodologicamente implica em observar quais as características dos alunos, fazer um planejamento voltado para o desenvolvimento da compreensão dos conteúdos de forma agradável. Porém, cada método possui sua particularidade, pois cada um trabalha aquilo que considera de maior importância. “Os mais utilizados no sistema de ensino português são os Métodos Globais ou Analíticos, os Métodos Sintéticos ou Fônicos e os mistos que juntam Analíticos e Sintéticos” (FERNANDES, 2016, p.12).

“As práticas de alfabetização não começaram nos séculos XX e XXI, estão em constante transformação desde que se necessitou ensinar alguém a ler e escrever”. (FRADE, 2005, p. 09). De acordo com o autor, o processo de alfabetização começa

bem antes do surgimento das escolas, até chegarmos ao sistema de ensino da leitura e escrita que vemos hoje, o ensino passou pelo espaço doméstico e partículas de maneira informal.

A educação oferta três métodos de alfabetização para auxiliar os docentes no processo de alfabetização, que são os métodos sintético, analítico e misto. Sendo que os métodos sintéticos e analíticos são utilizados na alfabetização desde o “século XVI até a década de 1960 do século XX” (LEITE; TRIBEK, 2015, p. 462).

Nesse contexto, os métodos sintéticos vão das partes para o todo, no método sintético acredita-se que no início da aprendizagem a criança deva começar do mais simples para o mais complexo, internalizando as unidades menores (fonemas), para depois alcançarem as unidades maiores, onde a compreensão do sistema de escrita se faz de modo sistematizado fazendo a junção de unidades menores que por sua vez serão analisadas a fim de estabelecer uma relação entre a fala e a escrita, os métodos sintéticos podem ser divididos em três, alfabético, silábico e fônico. (FRADE, 2005, p. 23).

O método alfabético ou de soletração é o método sintético mais antigo utilizado na alfabetização, este método valoriza a memorização com estímulos auditivos e visuais, se baseia na decoração oral das letras do alfabeto. Primeiro se aprendia o nome individual de cada letra do alfabeto, depois o reconhecimento das letras em sequências pequenas, posterior a isso o reconhecimento da sequência de todo o alfabeto até chegarem ao reconhecimento das letras isoladas. Contudo, a criança ao passar desta fase, ela começava a decorar todas as combinações possível das sílabas, um dos meios utilizados para facilitar a memorização era cantá-las.

Nessa abordagem, para Frade (2007, p. 23) o método fônico foi o mais utilizado entre os séculos XVI e meados do século XX. Tem como objetivo ensinar a relação entre som e letra, para estabelecer uma relação entre a palavra escrita e a falada. Desse modo o método fônico parte do mais simples para o mais complexo começando pelas formas e sons das vogais depois se ensina as consoantes estabelecendo uma relação cada vez mais complexa entre elas. Cada letra (grafema) corresponde a um fonema (som) que quando se unem a outro fonema dão origem a uma sílaba ou palavra. O principal objetivo desse ensino é dar ênfase na relação entre os sons e as letras.

Nesse sentido, o método silábico é outro método sintético que vai das partes para o todo. Na sílabação, o aluno tem como unidade de análise a sílaba, embora

alguns tenham como trabalho inicial concentrar-se nas vogais e em seus encontros para depois sistematizar as sílabas. Para desenvolver o método, se escolhe uma ordem de apresentação que parte do mais simples para o mais complexo, onde se escolhe palavras-chaves que são utilizadas para apresentar as sílabas depois são destacadas e estudadas sistematicamente com a família silábica. E estas são reformuladas para formar novas palavras e frases apenas com as sílabas que já foram estudadas.

Seguindo este pensamento discorre-se ainda sobre os métodos analíticos que partem do todo para as partes, “estes métodos tomam como unidade de análise, a palavra, a frase e o texto e supõem que baseando-se no reconhecimento global como estratégia inicial” (FRADE, 2007, p. 26). Buscam romper com o princípio da decifração, adotando as unidades linguísticas maiores para depois direcionar a análise das unidades menores se baseiam no processo global como estratégia inicial. O método analítico se divide em três processos: o da Palavração, Sentenciação e Global.

No processo de palavração, retira-se de um texto ou história palavras significativas que serão analisadas e decompostas em sílabas. A diferença entre o método de palavração e o silábico é que na palavração a decomposição da palavra não é obrigatória no início do processo. As crianças aprendem através da memorização, com a finalidade de reconhecer globalmente certa quantidade de palavras que serão trabalhadas na sequência das sílabas e das letras.

Em seguida, temos o método de sentenciação que tem como unidade a sentença, depois do processo de memorização onde a criança consegue reconhecer globalmente e compreende as palavras, passa-se à decomposição das palavras e sílabas. A estratégia é comparar palavras e isolar elementos para que a criança seja capaz de reconhecer estas partes em outras sentenças para ler e escrever novas palavras.

O método global de contos parte do reconhecimento global de um determinado texto, onde este texto é lido várias vezes para que haja o reconhecimento prévio, depois o texto é dividido em frases com a finalidade de que a criança reconheça globalmente e repita como se fosse uma pré-leitura. Para depois fazerem o reconhecimento das sentenças até chegarem ao reconhecimento das palavras e sílabas para formar novas palavras. “No Brasil, embora haja menção aos métodos analíticos, desde o final do século XIX, parece vir mais tarde, na década de 30, a denominação método global de contos ou de historietas” (FRADE, 2007, p. 27).

É importante destacar que embora existam vários métodos de ensino muitos educadores conseguem adaptar certa quantidade de métodos trazendo para a realidade vivenciada pelos alunos, tendo em mãos várias ferramentas, que possuem grande valor para o processo de alfabetização, onde o aluno passa por várias etapas até chegar ao objetivo preestabelecido.

Santos (1996, p.168,169) por sua vez afirma que, o método natural preconizado por Freinet. Célestin Freinet (1896-1966), educador francês criador do movimento da escola moderna, tinha o objetivo era desenvolver uma escola popular baseado na livre expressão, favorecendo o aprendizado das crianças. Desse modo, a criança é estimulada a se expressar livremente sem exigências fazendo com que ela se sinta à vontade para se expressar, e reconhecer o esforço do aluno demonstrando respeito tanto por parte do professor quanto da classe.

Este método possibilita que os alunos vivenciem coletivamente vários aspectos que compõem a construção e criação de um texto, de modo a permitir que o aluno tenha consciência através das próprias experiências que o texto não vem pronto, que ele precisa sempre ser revisto ou reformulado.

O trabalho com a leitura e a escrita abrange várias temáticas e valoriza o aprendizado da Língua Portuguesa desde que valorize a contextualização da linguagem na prática abordando os aspectos interessantes onde os alunos possam fazer suas reflexões. É importante estimular o contato com os livros no contexto familiar juntamente com a escola a fim de possibilitar uma troca de experiências.

De acordo com Pelandré *et al* (2011, p.109-112), a maneira com que se apresenta a leitura e a escrita para as crianças faz toda a diferença, “o objetivo do ensino de poema não se constitui em formar escritores/poetas mas, em aproximar e sensibilizar os alunos”. Por exemplo, uma atividade que pode ser desenvolvida em sala de aula é a construção do varal literário que consiste em pendurar as atividades em um cordão como se fosse um varal de roupas para expor os trabalhos de leitura e escrita produzidos pelos alunos.

Historicamente se acreditava que a criança iniciava na escola sem nenhum conhecimento. Assim, os conteúdos eram repassados gradualmente de forma mecanizada sem considerar a leitura de mundo que cada criança traz em sua bagagem. A metodologia de ensino se faz necessária para abarcar todo esse conhecimento que a criança traz consigo e incorporar este conhecimento no ensino aprendizado dessas crianças.

Nesse contexto, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita exige um trabalho de muita pesquisa por parte do educador para estar sempre inovando em suas atividades e no modo de expor o conteúdo para seus alunos, com o intuito de prender a atenção do aluno e de despertar o interesse desses alunos em aprender algo novo que servirá para o convívio social e para a aquisição de novos conhecimentos, por isso a importância de se trabalhar metodologicamente.

O trabalho metodológico busca sempre a melhor estratégia para enriquecer o conhecimento e estuda quais métodos são mais adequados para cada área. Cada uma possui uma metodologia própria, a metodologia de ensino consiste na aplicação de vários métodos do processo de ensino e aprendizagem que busca orientar e dar sentido e coerência dentro do campo de trabalho. No Brasil, os principais métodos de ensino que são utilizados são os métodos tradicionais, o Construtivismo de Jean Piaget, o Sociointeracionismo de Vygotsky e o método Montessoriano de Maria Montessori.

2.2 O PAPEL DO PROFESSOR NO LETRAMENTO

O papel do professor vem sofrendo modificações ao longo do tempo, se antes o professor era aquele que detinha todo o conhecimento atualmente o professor é visto como o grande articulador e facilitador do conhecimento, dentro do processo de ensino e aprendizagem, e isto exige muito mais do professor em quanto ser social, pois ele terá que estar atento às realidades vividas por seus alunos para que ele possa entender a dinâmica da realidade de seus alunos.

Dessa forma, o papel do professor no primeiro momento é saber quem é o seu aluno, de onde ele vem, qual suas experiências, qual o conhecimento que ele já possui. A partir desta compreensão o professor tem uma concepção de que a criança ou o jovem não são seres isolados que não possui um conhecimento próprio, assim o professor passa ver seus alunos dentro de um contexto maior.

O domínio da linguagem escrita é um processo complexo que envolve vários fatores como o domínio do sistema alfabético e ortográfico além de compreender e fazer uso da linguagem escrita em práticas sociais. A partir do momento que se compreende esta complexidade fala-se de alfabetização e letramento. Porém, o educando não aprende só mente no ambiente escolar, ele já traz de casa uma bagagem de conhecimento e o professor tem função de mediar esse conhecimento

através de práticas que estimulem a leitura e a escrita para que ocorra uma aprendizagem efetiva.

Durante o processo de formação do professor ele aprende através de teorias a importância das práticas docentes voltadas para o aprendizado do letramento dos discentes. Soares (2016, p. 02) diz que, para trabalhar o letramento tem-se que primeiro entendê-lo e compreender que letramento e alfabetização são importantes porém, distintos. A alfabetização é a porta que se abre para o mundo letrado.

Na atualidade, o professor tem a função de proporcionar meios para que o aluno desenvolva habilidades por si só. Os professores devem identificar suas práticas de mediação voltadas para o fato de que, apesar de vivermos em um mundo globalizado cheio de informações letradas, as crianças ainda apresentam dificuldades em aprender os conhecimentos básicos.

O letramento é importante tanto na vida escolar quanto na vida social visto que o aluno que não consegue compreender o comando de uma questão, não conseguirá responder a atividade com facilidade, também terá dificuldades em se relacionar socialmente. “As novas tecnologias fizeram com que as pessoas deixassem a leitura de livros de lado, isso resultou em alunos cada vez mais desinteressados pelos livros, construindo um vocabulário cada vez mais pobre”. (SILVA *et al*, 2016, p.03).

Conforme o exposto acima, o acesso às novas tecnologias faz com que as crianças e os adolescentes deixem de procurar informações em livros, o ato de ler cada dia que passa vai ficando em segundo plano entre as atividades do cotidiano da sociedade. E a falta de leitura na vida cotidiana das crianças afeta o seu desempenho em sala de aula, onde pode-se observar um grande número de crianças com dificuldade para desenvolver a leitura e a escrita. Assim, o trabalho do professor deve ser voltado para o desenvolvimento do hábito de ler, procurando meios para que a criança tenha gosto pela leitura, que o ato de ler seja prazeroso para a criança.

A mediação da leitura em sala de aula deve acontecer em um momento tranquilo onde o professor reúne seus alunos para iniciar uma leitura compartilhada, ou em outro momento aplique uma roda de leitura “as rodas de leitura são práticas que visam desenvolver a competência leitora por meio do prazer de ler” (VICCINI, 2011, p.14606). Contudo, para que haja uma boa interação entre os leitores e o texto o professor tem papel fundamental, visto que, é ele quem terá a função de despertar nas crianças o interesse e o prazer pela leitura.

Surgem vários questionamentos quando o professor mostra interesse em trabalhar a leitura em sala de aula: qual texto usar, como conduzir a leitura e as discussões sobre o texto e como se deve ler para as crianças entre outros. i, afirma que tais questionamentos são comuns visto que não há um jeito certo de mediar o processo de leitura. O autor ressalta ainda que para ser um bom mediador, o professor deve gostar de ler e ter prazer em compartilhar a leitura, transmitindo de maneira agradável. (VICCINI, 2011, p.1465).

Considerando esses aspectos, a capacidade que o docente tem não apenas de ensinar a ler e a escrever ou de estimular a prática de leitura em seus alunos e sim, se o próprio educador tem essas práticas de letramento e se faz uso destas capacidades. “Não é a sua formação o alvo de crítica, mas a sua própria condição de letrado”. (KLEIMAM, 2008, p. 490). Ou seja, para que o educador se torne um bom mediador do letramento, se faz necessário que o mesmo faça uso destas práticas no seu cotidiano e tenha prazer em compartilhar suas informações, o ato de ler em primeiro lugar tem que ser prazeroso para ele próprio.

A partir do momento que se tem consciência de que tipo de leitor é o educador, o desenvolvimento do processo de letramento se tornará mais prazeroso tanto para o educador quanto para o educando. O alto conhecimento, é necessário para transmitir uma leitura prazerosa e encantadora aos que a ouvem, afim de despertar a curiosidade e o interesse pela leitura.

Cabe ao educador mediar o contato entre os novos leitores e os textos, pois cada educador tem uma maneira de aplicar seu trabalho e de lidar com as reações de seus alunos quando estão diante de um texto. A cumplicidade e a dinâmica entre professor e aluno, estimular a interação, a troca de ideias e fazer com que os alunos se sintam à vontade para expor suas interpretações.

“Um dos problemas que envolvem a questão da leitura é que a maioria das pessoas não gostam de ler, nem mesmos os que estão em fase escolar” (KANASHIRO; FRANCO, 2013, p. 15158). A leitura é um dos desafios enfrentados pelos professores visto que, despertar o interesse pela leitura em crianças e jovens é um trabalho árduo. A leitura tem papel importante não somente na vida escolar mais, na vida social das pessoas.

[...] trabalhar com LI em sala de aula é um processo dialógico, pois a uma troca de experiências da cultura dos alunos com a cultura presente nos livros. E cabe ao professor mediar essa troca de experiências, criando estratégias para que os alunos demonstrem suas opiniões, ponto de vista e impressão. (OLIVEIRA; VALANGA; PACÍFICO, 2016, p. 167).

Nessa perspectiva, o trabalho com textos constitui uma metodologia adequada na alfabetização visto que hoje uma das funções da escola é alfabetizar o aluno dentro de um contexto letrado. Os diferentes suportes de leitura e gênero textuais auxiliam o aluno a perceber os diferentes usos da leitura e escrita em diferentes situações, uma vez que os textos apresentam situações de comunicação que possibilite o aluno a perceber que a organização e a estrutura do texto estão relacionadas com as práticas comunicativa do seu cotidiano. Assim sendo, o professor deve estar atento e respeitar as variações linguísticas de seus alunos no decorrer do processo de alfabetização, pois são de grande importância para o aprendizado da leitura e escrita do aluno. (PIRES; FERREIRA; LIMA; 2010, p. 05).

Para tanto, o professor enquanto alfabetizador e letrador, deve estar atento as mudanças que ocorrem na sociedade que interferem diretamente na linguagem utilizada pelos alunos e que fazem parte do processo de comunicação. Faz-se necessário que o educador tenha conhecimento das variações da língua, para que tenha condições de avaliar seus alunos respeitando as variações linguísticas que se apresentam em sala de aula. Ao contrário do professor tradicional que trabalha de forma mecanizada, o professor alfabetizador procura desenvolver trabalhos de ensino que estimule e incentive a oralidade, respeitando os diferentes dialetos que existem na língua.

De acordo com Viccini (2011, p. 14607), a prática de leitura deve ser estimulada em sala de aula de forma prazerosa, de modo a despertar o gosto pela leitura. Para a autora, a leitura não deve estar associada somente a conteúdos avaliativos com merecimento de notas. As rodas de leitura, segundo a autora, são práticas propostas para discutir, conversar, expor ideias com intuito de formar novos leitores deixando claro que a leitura não precisa ser uma obrigação. Nesse sentido, o professor precisa demonstrar que gosta da leitura que oferece a seus alunos mesmo que esta faça parte do conteúdo avaliativo. A sociedade exige que a escola prepare o aluno não só alfabetizado, mas letrado e que adquira conhecimento para uma comunicação através da compreensão dos mais variados tipos de textos.

Tendo em mente que a escola e o professor possuem papéis decisivos para a formação de novos leitores faz-se necessário que o professor apresente diferentes tipos de textos para que se tenham bons leitores no futuro, embora tenham vários tipos de textos escritos com várias finalidades. Segundo as autoras, os textos da Literatura Infantil são os mais adequados para trabalhar com crianças, pois, utilizam uma linguagem diferenciada para tratar de diversos temas. Nesse sentido, cabe ao professor apresentar, motivar, incentivar e fazer uso de estratégias voltadas para uma leitura prazerosa. (OLIVEIRA; VELANGA; PACÍFICO, 2016, p. 165).

Nessa abordagem, tendo em mente que muitas crianças só terão contato com textos literários no ambiente escolar faz-se necessário que o professor tenha formação necessária para mediar a construção de formação de novos leitores. Para tanto é de grande importância que as crianças tenham os livros a sua disposição para pegarem, apreciarem. O professor deverá ler de forma a prender a atenção de seus alunos para que eles possam mergulhar profundamente no texto lido e não ficar apenas na superfície, cabe ao professor criar estratégias para estimular o interesse do aluno pela leitura. (IBIDEM, p. 166).

Kleimam (2005, p. 51, 52) enfatiza que, o professor não sai preparado do curso de formação para inserir o aluno nas práticas letradas da sociedade e para que este professor consiga formar leitores ele precisa ser letrado, precisa ter conhecimento necessário, gerenciar seus saberes e de seus alunos, estar sempre em busca de novas técnicas para ensinar de formas diferentes um assunto. As ações deste educador devem ser fundamentadas no conhecimento, na descoberta de novos saberes, técnicas, estratégias além de conhecer as capacidades de seus alunos.

Contudo, ao desenvolver sua prática pedagogia o professor deve desenvolver estratégias de ensino que sejam adequadas para seus alunos, afim, de que tenham acesso a uma cultura de letramento diversificado onde o ensino da leitura não fique restrito as disciplinas de português. Nesse processo, o professor deve agir como um mediador do conhecimento entre o aluno e o texto, despertando os saberes que os alunos já possuem.

Porém, quando não há uma boa mediação em sala de aula acabam por formar alunos não letrados e sem hábito de leitura. “Em todas as rodas de leitura que fiz, dentro e fora das escolas, pude perceber que os jovens e as crianças gostam de ler, gostam de ouvir alguém falando sobre suas leituras”. (VICCINI, 2011, p.14607). Assim

cabe ao professor escolher livros adequados para o público infantil incentivando a verbalização e a compreensão do texto.

Cabe aos professores dos anos iniciais conduzir os educandos por caminhos que transformaram as suas vidas, assim a leitura é um dos caminhos que conduzirá os alunos a novas experiências. Para tanto, a leitura deve ser incentivada na infância para que a criança alcance seus objetivos, aprendendo desde cedo que a leitura é algo prazeroso e de fundamental importância para seu aprendizado. (SILVA, 2016, p. 06). Portanto, a leitura deve ser incentivada na infância, pois, é nesta fase que a criança desenvolve hábitos por isso é essencial estimular o gosto pela leitura nos pequenos.

2.3 A IMPORTÂNCIA DA SALA DE LEITURA

Um dos grandes desafios para o professor é saber como despertar no aluno o interesse pela leitura, como estar incentivando o hábito de ler, de forma que ele possa por sua conta continuar este processo e escolher suas próprias leituras. A leitura é um componente de grande importância para o desenvolvimento escolar e conseqüentemente, para a vida social do aluno.

Assim sendo o ato de ler é uma habilidade que deverá ser desenvolvida no início da escolarização, pois, a leitura contribui de forma significativa para a formação do indivíduo influenciando-o a analisar o seu dia a dia e a sociedade de forma crítica e isto colabora para uma nova visão e compreensão de mundo. Contudo, para que a criança se desenvolva com sucesso, o ambiente deve favorecer o desenvolvimento da capacidade leitora além de promover o compromisso e o gosto pela leitura.

Nesse sentido, Cafieiro (2005, p. 17) entende que a leitura é um processo de construção de sentidos, que quando lemos um texto não realizamos apenas uma tradução do que está escrito, mas sim, que estamos construindo sentido concreto de comunicação com texto. Relacionando com as informações e conhecimento que já possuímos esse sentido não se encontra pronto, ele depende da ação de quem o processa. Assim para que o aluno decodifique e estabeleça uma relação com os conhecimentos anteriores, é preciso que o professor forneça a esse aluno uma bagagem de conhecimento para que ele processe e estabeleça uma relação coerente com o texto.

Não se pode dimensionar o quanto a leitura é importante para o desenvolvimento do ser humano e a escola é o melhor lugar onde se pode estimular o gosto pela leitura. A leitura está presente em nosso dia a dia e faz parte da rotina diária de todos nós, ela está presente na bula de remédio, na receita de um bolo, em um bilhete, numa carta, nas regras de um jogo, nas lembranças que guardamos da nossa infância.

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, abre as portas da imaginação, nos faz viajar, sonhar, ao mesmo tempo em que nos faz sair da realidade, traz elementos para compreendê-la, assim como possibilita o enfrentamento dos medos e angústias. (MANTOVAN, 2015, p. 18831).

De acordo com a autora, o ato de ler nos tornam pessoas mais esclarecidas, além de abrir horizontes e quanto mais se ler mais conhecimento é adquirido e como consequência nós nos tornamos pessoas críticas com argumento e ideias e isto leva a exercermos o nosso papel na sociedade de forma significativa.

Para tanto, o espaço de leitura no ambiente escolar deve favorecer essas potencialidades no aluno, onde os livros estejam ao alcance dos alunos para que possam escolher o livro que de seu interesse, estimulando experiências positivas. O espaço de leitura no contexto escolar pode ocorrer em diversos locais como na sala de aula, corredor, pátio, biblioteca e sala de leitura. Este espaço deve ser pensado para atender as necessidades das crianças além de ser preparado de forma atrativa para receber os alunos para que eles se sintam acolhidos, motivados a estarem no ambiente por prazer. (MANTOVAN; 2015, p. 18834).

Dessa forma, a maneira com que se apresenta o ambiente de leitura para os alunos tem grande influência na permanência deles no local, porém, a sala de leitura deve ser bem explorada pelos professores e pela escola fazendo com a ida dos alunos a sala de leitura se torne parte da rotina escolar, não por obrigação mais sim porque o aluno tenha interesse e goste de estar neste ambiente.

Entretanto, a sala de leitura não serve utilizada apenas como complemento as atividades desenvolvidas pelos professores em sala de aula. A sala de leitura é mais de complemento, ela apresenta uma função educativa e cultural que são importantes para autonomia dos futuros leitores. Para tanto o desenvolvimento de atividades que desenvolva a oralidade dos alunos como: discussões de temas e livros, argumentar as características do livro ou dos personagens e fazer uso das rodas de leitura. Assim

sendo a sala de leitura é a ponte entre o conhecimento escolar e o mundo de cultura e informação. (CARMO; LIMA; FERREIRA, 2016, p. 02).

Nessa perspectiva, cabe ao professor mediador da leitura, ter conhecimento prévio dos materiais e temas disponíveis na sala de leitura para embasar o seu planejamento buscando estratégias que venham enriquecer o trabalho desenvolvido com seus alunos. Utilizando as obras para expandir o conhecimento e ampliar a visão de mundo dos estudantes.

Para melhor entendimento a criança precisa ouvir histórias, ter contato com o livro, pegar, foliar e tentar escrever frases pequenas, afim, de que construa aos poucos a linguagem escrita. É por meio da imitação que a criança aprende assim faz se necessário que haja um bom trabalho de mediação de leitura dentro do ambiente escolar visto que muitas crianças só terão acesso à leitura na escola. Portanto, a importância da sala de leitura na formação do hábito de ler, pois, é na infância que o hábito de ler é construído assim sendo a literatura infantil é uma das ferramentas que desenvolve na criança a imaginação, a emoção e sentimentos de forma prazerosa.

De acordo com a pesquisa realizada a sala de leitura é um espaço que promove o gosto pela leitura, desperta o interesse dos alunos pelos livros é um espaço onde a criança pode se expressar a traveis de contação de histórias e poesias, teatro, sarau entre outro. A sala de leitura deve fazer parte do planejamento da escola e dos professores mostrando para os alunos que a leitura não é só uma obrigação das disciplinas, pois, a leitura se faz presente em todas.

A sala de leitura é importante não só na educação infantil mas, em todos os níveis de escolarização do educando, o ensino da leitura na escola é de grande importância, pois, ela interfere diretamente na sociedade, ela tem uma função educativa, mas deve extrapolar o eixo cultural que também tem sua importância na formação de leitores autônomos. (CARMO; LIMA; FERREIRA, 2016, p. 03).

Assim sendo oportunizar esta convivência é de grande importância que a escola proporcione espaços de leitura onde os alunos possam está trocando ideias, discutindo a respeito de um livro, buscando informações ou fazendo pesquisar. O professor é uma peça fundamental neste processo visto que é ele quem irá proporcionar estes momentos com seus alunos onde eles possam construir o gosto pela leitura.

Nesse sentido, a sala de leitura como espaço que proporciona a leitura muitas vezes não é utilizada corretamente por falta de profissional preparado para

desenvolver projetos voltados para o aprendizado da leitura. A escola necessita refletir o planejamento de como a leitura será desenvolvida por ela e como será desenvolvida junto com os alunos, fazendo com que a criança interaja com a cultura da sociedade em que está inserida e com a cultura do país.

Na visão Krug (2015, p. 07) cabe a escola organizar, criar e adequar atividades que contribuam para a formação do aluno leitor, capaz de posicionar-se criticamente as informações que lhes são expostas como as questões sociais do meio em que está inserido. É função da escola desenvolver no aluno a capacidade de aprender, organizando suas práticas pedagógicas, estruturando seu sistema de ensino de modo que haja a troca de conhecimento além de dispor de uma biblioteca com materiais suficientes para atender as demandas de leitura, assim como dispor de outros ambientes que favoreçam o desenvolvimento da leitura, como as salas de leitura além de ter nesses ambientes, pessoas qualificadas.

De acordo com o exposto acima, a sala de leitura é um local onde deveria ser desenvolvida atividades lúdicas que venha a despertar o interesse das crianças pelos que está dentro dos livros, estimular a criatividade e não desenvolver atividades mecanizadas, fazendo com que a criança perca o interesse de estar nesse espaço. A cada ano que passa um novo projeto deve ser planejado e desenvolvido na escola e não reutilizar o mesmo projeto ano após ano. A escola tem papel fundamental neste processo visto que é na escola que este processo acontece e onde um grande número de crianças terá contato com os livros pela primeira vez ou o único local onde poderão toca, foliar, ler e ter uma pessoa lendo histórias para elas.

A leitura na infância é uma descoberta de sentimentos e palavras que conduz o leitor a desenvolver o seu intelectual, a sua personalidade e a aumentar substancialmente a sua capacidade crítica. O ato de ler estimula o imaginário e dá a possibilidade de responder as dúvidas em relação aos milhares de questões que surgem no decorrer da vida, possibilitando o surgimento de novas ideias e o despertar da curiosidade do leitor, fazendo assim com que ele sempre queira mais, e não se contente com o básico. (ARANA; KLEBIS, 2015, p. 26671).

A prática de leitura é um dos requisitos obrigatórios nas escolas, independente da disciplina a leitura é fundamental, porém, a prática de leitura é feita sem motivação. O ato de ler segundo as autoras estimula a imaginação, amplia a visão de mundo entre outros, mas, para que isto ocorra o professor deverá apresentar livros que estimulem o hábito de ler por prazer incentivando a criança a ler.

A leitura é necessária para a criação de indivíduos críticos que possa discutir o seu ponto de vista, para tanto o gosto pela leitura deve ser construído. “A ação de ler não é somente para entretenimento ou uso acadêmico, é também, uma ótima ferramenta que oferece uma visão ampla do mundo” (ARANA; KLEBIS, 2015, p. 26672). Portanto, é importante ler vários tipos de textos que nos deparemos no dia a dia e saber fazer uma interpretação correta do que o texto quer dizer. Há vários tipos de textos grandes ou pequenos com símbolos, figuras e desenhos e é papel do professor fazer com que o aluno saiba fazer a interpretação do que o texto está transmitindo.

2.4 LUDICIDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Por muito tempo as fases do desenvolvimento e a própria criança foram ignoradas, a criança nem sempre foi vista como é hoje, não havia lugar para a infância, desde muito cedo a criança era exposta ao mundo dos adultos. Os cuidados com as crianças era responsabilidade exclusiva das mães e das mulheres da família, com as mudanças ocorridas na sociedade que levaram as mulheres a saírem de suas casas em busca de trabalho, trouxe a necessidade de se criar um espaço para acolher os filhos dessas trabalhadoras.

A história das instituições infantis também é a história de tudo o que aconteceu para que a infância pudesse ser protegida pela Lei. Nem sempre a Lei protegeu a criança, ou a mãe, bem como nem sempre se reconheceu que o acesso às instituições de educação é um direito e não um favor que se faz (BRASIL, 2005, p. 10).

Então, as creches surgem como uma solução paliativa dentro de um contexto social de assistencialismo, onde as creches e as pré-escolas eram usadas como estratégia para combater a pobreza, com finalidade de garantir a sobrevivência das crianças “A tônica do trabalho institucional foi pautada por uma visão que estigmatizava a população de baixa renda” (BRASIL; 1998, p. 16).

As crianças possuem uma natureza única que as caracterizam como um ser capaz de ver e sentir o mundo de um jeito próprio, elas se esforçam para compreender o mundo a sua volta. Durante o processo de construção do seu conhecimento as crianças utilizam diferentes linguagens, criam ideias e hipóteses para desvendar aquilo que buscam. A criança constrói o seu conhecimento estabelecendo uma

interação com o meio e com outras pessoas. Entender como este processo se dar é um grande desafio na educação e para os educadores.

A utilização de jogos e brincadeira na educação há muito tempo vem sendo discutido e sua importância no desenvolvimento integral das crianças. O brincar é algo essencial na vida das crianças, pois, a brincadeira estimula a autoestima, permitindo que o conhecimento se transforme em conceito, a brincadeira desperta na criança pensamentos que possibilitam resolver problemas que são importantes e que tem significado para elas. Cabe então ao professor criar um ambiente que estimule a criatividade, cujo, a brincadeira proporcione o desenvolvimento das habilidades psicomotoras e intelectuais, despertando na criança a imaginação, a criatividade, possibilitando criar e recriar através da ludicidade.

O brincar faz parte do desenvolvimento do ser humano a partir do momento que nasce e interage com o mundo a sua volta. É através da brincadeira que a criança se expressa, se comunica e interagem com o outro e com o próprio corpo, através do brincar a criança aprende a lidar com o outro, compartilhar brinquedos e o espaço aprende a negociar regras de jogo entre outros.

O lúdico é uma ferramenta importante no processo educativo, pois, desenvolve a criatividade, ajuda a criança a elaborar estratégias, desenvolve o raciocínio levando a uma aprendizagem significativa. O lúdico tem sua origem na palavra latina “ludus” que quer dizer “jogos” e “brincar”. E neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimento, isto oportuniza a aprendizagem do indivíduo. (SALOMÃO; MARTINI, 2007, p. 04). O lúdico deve fazer parte de todo o desenvolvimento escolar do educando, pois proporciona uma aprendizagem prazerosa facilitando a atenção e o interesse do aluno.

Nesse contexto, as avaliações lúdicas é um dos meios que possibilita observar como a criança inicia o seu processo de adaptação à realidade através das brincadeiras e aprende a lidar com suas dificuldades de maneira cada vez mais coordenada e reflexiva. Para que o lúdico tenha um lugar expressivo na educação às aulas deveram estar voltadas para os interesses dos alunos sem perder o seu objetivo é fundamental que o educador se coloque pleno, inteiro e transmita alegria e seja flexível.

Levando em consideração a importância do educador como mediador do processo de ensino e aprendizagem faz-se necessário a utilização do lúdico como

recuso metodológico, afim de, possibilitar uma aprendizagem espontânea e natural onde o educador atua como mediador possibilitando a interação entre as crianças.

A brincadeira é necessária para aproximar as crianças do mundo dos adultos e para que elas testem os comportamentos, as funções e habilidades que observam em seus pais nos familiares e nos próprios educadores. De acordo com o autor, as crianças aprendem experimentando ações que chamam sua atenção no seu dia a dia por isso a importância de se ter um tempo para se trabalhar a ação do brincar, pois, essa ação possibilita a criança compreender o mundo e encontra um modo de agir que lhe traga mais satisfação.

Considerando que a atividade lúdica ultrapassa o fazer mecanizado e o fazer sem motivação, cabe ao professor utilizar as atividades lúdicas para mediar a interação e a troca de pensamento e sentimento, estimular a troca de informações em momentos de integração com a prática pedagógica. De modo que não venha a fazer uso do lúdico apenas como passatempo sem planejamento e sem objetivo. Tendo em mente a importância do lúdico na educação infantil, faz-se necessário que os educadores façam uma análise sobre a sua prática lúdica e como ela contribui para o desenvolvimento da criança.

De acordo com Santos (2014, p. 22), o jogo e a brincadeira são atividades importantes e devem ser trabalhadas em sala de aula, para tornar a educação compatível com o desenvolvimento da criança, pois, é de fundamental importância que a criança se desenvolva em qualquer fase da vida, para que ela se desenvolva socialmente é necessário que haja a interação em grupo, e nada melhor que jogos e brincadeiras para facilitar essa interação. Segundo a autora, a brincadeira permite a descoberta de novas situações diversas, a criança expressa seus desejos e vontades, medos e angústias, além de aprender a utilizar suas habilidades individuais mostrando para si mesma e para os outros.

Partindo dessa perspectiva, destaca-se a importância do professor como mediador desse processo de ensino e aprendizagem através do lúdico. Desse modo, precisa ser mais criativo e ser aberto às críticas das próprias crianças, ouvindo as reclamações e desejos e quais brincadeiras elas mais gostam, assim desenvolverá um trabalho que venha atender as necessidades das crianças. A ludicidade se faz necessária na educação infantil tanto quanto nas séries iniciais do ensino fundamental tendo em vista que a ludicidade é um recurso de ensino eficiente na aquisição do conhecimento.

Segundo Luckesi (2014, p. 17), a ludicidade é um “estado interno do sujeito”, pois, ela só pode ser vivenciada de forma plena através da relação entre o pensar, o agir e o fazer sem divisões. O autor ainda afirma que a ludicidade não está relacionada diretamente com o brincar, embora, as atividades de jogar e brincar evidencie o lúdico. A ludicidade implica atitudes internas do sujeito que vivencia uma experiência de integração do seu sentir, pensar e fazer, assim, ludicidade ou estado lúdico decorrem das atividades que podem gerar um estado lúdico ou não dependendo da forma com que se vivencia.

Nesse contexto, o estado lúdico é uma experiência individual de cada pessoa é um processo interno que ocorre em um nível emocional, mental, corporal e social esse estado não advém apenas do mundo exterior mais também mundo interior do ser humano e que se relacionam entre si.

Ensinar pela ação significa que o educador não só respeitará como utilizará adequadamente essa qualidade do ser humano, que, de um lado, deverá ser o pano de fundo de suas atividades de ensino e, de outro, a meta das aprendizagens dos educandos. (LUCKESI, 2015, p. 134).

A atuação do educador é fundamental para que o lúdico ganhe espaço nas instituições de ensino, esta atuação se faz necessária de modo que o professor vivencie o lúdico de forma plena e se coloque por inteiro nos momentos de alegria e de flexibilidade. Com isso, o professor deixa o seu papel de agente de formação e informação dos educandos e passa a exercer a função de mediador e facilitador das interações entre os alunos nas atividades lúdicas, o professor, ao dar espaço para as práticas lúdicas como atividade principal contribui para a construção e ampliação do aprendizado e conseqüentemente do desenvolvimento individual e coletivo de aluno.

Desta forma, o brincar é uma forma de inserir a criança na sociedade e transmitir valores, crenças, normas, leis, cultura, regras, hábitos, princípios, costumes e linguagem. Nesse sentido o lúdico tem a capacidade de unir razão e emoção, conhecimento e sonho tornando o indivíduo mais completo.

Nessa perspectiva, as atividades lúdicas são uma necessidade do sujeito independente da faixa etária, as brincadeiras propiciam a ampliação do conhecimento da criança. Para tanto o professor é responsável por auxiliar e organizar as brincadeiras na vida escolar dos alunos, estruturando o espaço e o tempo das brincadeiras além de observar o processo de desenvolvimento das crianças no

coletivo e no individual, registra suas capacidades e potencialidades no contexto social, afetivo e emocional.

Assim sendo, o brincar tem papel importante no desenvolvimento infantil, “pois é brincando que a criança aprende e se desenvolve experimenta e interage, relacionando aquilo que vivencia” [...] (SANTOS, 2014, p. 27). As instituições de ensino ainda estão voltadas para a formação do indivíduo moralmente disciplinado e preparado para o trabalho, às atividades lúdicas na maioria das vezes não estão inseridas no cotidiano escolar.

Para que a criança se sinta motivada a aprender, desde cedo ela deve ser estimulada a ver a educação de forma positiva convivendo com outras crianças e não ver a educação como sendo algo obrigatório monótono e sem graça. “O professor é a peça chave desse processo, devendo ser encardido como um elemento essencial e fundamental” (SALOMÃO; MARTINI, 2007, p.06).

O lúdico é para a criança uma maneira de descobrir o mundo de maneira agradável, através das atividades lúdicas. O lúdico como método de ensino além de ser um facilitador do aprendizado, contribui para o desenvolvimento pessoal, social e cultural, além de contribuir para que o sujeito tenha uma boa saúde mental, propicia uma aprendizagem espontânea e natural entre outros.

Por fim, são várias as contribuições positivas que a atividade lúdica proporciona para o ser humano, a ludicidade deve ser utilizada como estratégia de ensino e aprendizagem, visto a riqueza e infinitas possibilidades que ele proporciona. Dessa forma, fica a cargo das instituições de ensino e de professores, a responsabilidade de despertar na criança suas capacidades e ajudá-los a desenvolverem de forma significativa.

3 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO FUNDAMENTAL, ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como base o estudo das referências bibliográficas que abordam o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, dentro de uma abordagem qualitativa propondo-se analisar a teoria e a prática educacional. Para tanto este estudo foi fundamentado em autores como, Soares (1996, 2003), Luckesi (2015), Frade (2007), Ferreira (2011), Salvador (2000) e Kleiman (2008) que discutem a prática do letramento nos anos iniciais.

A pesquisa de campo foi realizada na EMEF “Maria do Socorro Bentes Leite” e EMEF “Maria Oliveira de Mendonça”, localizadas no município de Itaituba-PA, onde, foi possível analisar de que forma ocorre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita. A coleta de dados foi por meio de questionários direcionado a dois professores de 3º ano de cada escola, com o objetivo de identificar e analisar como acontece este processo.

Assim sendo, foram entrevistados quatro (4) professores que estão identificados de P₁ a P₄, sendo P= Professor. Com um período de atuação que varia entre dois e doze anos nas respectivas instituições de ensino. No que se refere ao nível de formação dos professores, todos são habilitados em Pedagogia, sem nenhuma pós-graduação, conforme indicado no quadro 1.

Quadro 1. Perfil dos entrevistados. Fonte: Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Graduação	Tempo de docência
A	P ₁	Pedagogia	12 anos
	P ₂	Pedagogia	2 anos
B	P ₁	Pedagogia	2 anos
	P ₂	Pedagogia	2 anos

Quando questionados sobre sua participação em alguma formação continuada nos últimos dois anos no que se refere à alfabetização e letramento, dois professores da escola B responderem que não participaram de nenhuma formação nos últimos dois anos, enquanto os outros dois professores da escola A responderam que sim. Embora se saiba da importância de estar sempre atualizando e atento às mudanças

que ocorrem na educação, ainda nos deparamos com a baixa procura de qualificação e aperfeiçoamento das práticas educacionais.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ESCOLAS PESQUISADAS

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria do Socorro Bentes Leite (identificada nesse estudo como **Escola A**), fica localizada no bairro São Francisco, área de periferia, distante três quilômetros do centro da cidade, na Sexta Rua, S/N, no Bairro São Francisco, município de Itaituba, Estado do Pará, na área urbana.



Figura 1. Frente da EMEF Profª Maria do Socorro Bentes Leite (2018).

Inicialmente, a Escola Bentes Leite funcionava em um barracão. Em 28 de Agosto de 1997 na gestão do Prefeito Edilson Botelho foi inaugurado as novas instalações oferecendo a comunidade a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos – EJA. No ano de 2010 com recursos do Programa Mais Educação a Escola construiu um Barracão para desenvolver as atividades do programa.

Uma obra de reforma e ampliação iniciou em dezembro de 2012 na gestão do Prefeito Walmir Climaco. Com a Implantação do ensino fundamental de 09 (nove) anos a escola deixou de ofertar a educação infantil e a partir de 2014 deixou de ofertar também a Educação de Jovens e Adultos – EJA, devido o alto índice de evasão. Atualmente a escola apresenta um espaço físico amplo, atendendo turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental nos turnos manhã e tarde, oferece atendimento

personalizado de reforço escolar aos alunos e no entre turno oferta também o Programa Mais Educação que visa fomentar atividades para melhorar o ambiente escolar. Realiza diversos Projetos culturais e voltados para a leitura e escrita durante o ano.



Figura 2. Amostra do Projeto Leitura em Ação.

O espaço é composto de 01 refeitório, 05 salas de aulas amplas, 01 sala de leitura, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 sala de professores com banheiro, 01 cozinha, 01 depósito para merenda escolar, 01 almoxarifado e 06 banheiros para alunos – sendo 02 adaptados. O quadro de funcionários atualmente da escola é de 22 funcionários sendo uma diretora, uma secretária, uma auxiliar de secretaria, dois vigias, duas merendeiras, duas auxiliares de serviços gerais, uma professora Comunitária e onze professores.



Figura 3. Noite cultural (Escola A, 2018).

A segunda escola pesquisada foi a **Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Oliveira de Mendonça**, (nomeada de **Escola B**) localizada na 3ª Rua, Km 05 - S / N°, Bairro Jardim Aeroporto Município de Itaituba-PA. Foi fundada em dezembro de 1985, sob a administração do então governador Jader Fontinelle Barbalho, e sob a administração do prefeito Exmº Sr. Francisco Xavier Lages de Mendonça, em 1985 a escola iniciou suas atividades apenas com um pavilhão com 04 salas de aula. Em 1998 na administração do prefeito Edilson Dias Botelho, a escola recebeu a construção de mais 4 salas para atender o aumento da demanda. Em 2014, a escola recebeu (01) uma quadra coberta pela então prefeita municipal Eliene Nunes.

Neste ano de 2018, foi construído mais (01) um pavilhão com (06) salas de aula todas climatizadas para atender os alunos de 1º ao 3º ano do ensino fundamental, que vinham sendo atendidos em um anexo da escola.



Figura 4. Frente da EMEF Profª Maria Oliveira de Mendonça (2018).

A escola Maria Oliveira de Mendonça, oferta o Ensino Fundamental nos anos iniciais de 1º ao 5º anos e anos Finais de 6º ao 9º ano, nos turnos matutino e vespertino, no turno da noite é ofertada a modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos) turmas de 2ª a 4ª Etapas. A escola oferta o Atendimento Educacional Especializado no horário de contra turno, sendo a escola um polo desta modalidade de ensino. O Prédio escolar é constituído de 4 blocos onde constam: (18) dezoito salas de aula, (01) uma Sala para Direção, (01) uma Sala para Secretaria, (01) uma Sala para Professores, (01) um Laboratório de Informática, (01) uma Biblioteca, (01) uma Cozinha, (01) uma Dispensa para mantimentos, (01) uma Dispensa para material de

limpeza, (01) um Banheiro para Professores e Funcionários, (08) oito Banheiros para alunos, (01) Banheiro com acessibilidade e (01) uma Quadra Poliesportiva coberta.

O quadro atual de funcionários da escola é de (01) Diretora, (02) Vice- Diretora, (01) Secretaria Escolar, (01) Técnico Educacional, (05) Auxiliar de Secretaria, (05) Merendeira, (07) Auxiliar de Serviço Geral, (03) Vigias, (03) Cuidadoras, (55) professores sendo (02) professores AEE, (01) Articulador do Programa Mais Educação.



Figura 5. Projeto de Igual para Igual.

A escola desenvolve diversos projetos durante o ano voltados para os conhecimentos interdisciplinares em que as crianças têm a oportunidade de demonstrar suas aprendizagens e práticas de letramento.

3.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Com vistas a aprofundar o conhecimento teórico, realizou-se uma entrevista com os professores do 3º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas municipais, que trouxe significativa contribuição no sentido de conhecer as estratégias didáticas utilizadas pelos professores na prática da leitura e escrita e os desafios enfrentados. Para iniciar a conversa com os professores foi perguntado na questão 1: **Qual sua concepção de Alfabetização e Letramento? E sua prática está mais**

voltada para qual concepção? No quadro 2 estão demonstrados os relatos dos entrevistados.

Quadro 2. Concepção e prática X Alfabetização e Letramento. Fonte: Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>Acredito que os dois devem caminhar juntos, um é complemento do outro. Quanto a minha prática, trabalho com a alfabetização e com o letramento juntos.</i>
	P ₂	<i>Minha concepção de alfabetização é que antes do domínio da codificação há que se desenvolver no aluno a consciência fonológica, para então desenvolver a aprendizagem e a codificação das letras. A prática pedagógica por mim aplicada nessa escola está mais voltada para a tradicional.</i>
B	P ₁	<i>Alfabetização desenvolve a leitura e a escrita através do reconhecimento das letras. Letramento está voltado para o reconhecimento dos sons das letras, vai além de escrever corretamente é se comunicar e interagir socialmente.</i>
	P ₂	<i>Alfabetização é desenvolver habilidade de ler e escrever, o letramento é utilizar essa prática na vida da criança. Minha prática está voltada para essas concepções juntas.</i>

Conforme os relatos dos professores das duas escolas, entendeu-se em suas falas que buscam trabalhar com as duas práticas de ensino, tendo em mente que são necessárias para o melhor desenvolvimento do aluno. No entendimento dos professores, a alfabetização deve ser trabalhada primeiro para depois ser trabalhado o letramento. Compreendendo que alfabetização desenvolve a capacidade de ler e escrever através da codificação e decodificação das letras e o letramento está voltado para as práticas sociais.

Nesse sentido, alfabetização e letramento possuem uma relação contínua, embora apresentem algumas diferenças, as especificidades dos termos acabam por se fundirem. Assim ao se iniciar o processo de alfabetização se inicia também o letramento.

Sabendo da importância de se despertar na criança o interesse pelo aprendizado por parte dos profissionais de educação tornou-se relevante o segundo questionamento: **Você considera possível o emprego de jogos e brincadeiras para alfabetizar no tocante à aprendizagem significativa?** As respostas dos entrevistados estão descritas no quadro 3.

Quadro 3. Jogos e brincadeiras para uma alfabetização significativa. Fonte: Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>Sim. Mas também não devemos nos fundamentar somente no jogo, algo do ensino tradicional deve ser preservado para que haja desenvolvimento.</i>
	P ₂	<i>Sim. O lúdico educativo seria o ideal para desenvolver no aluno a consciência fonológica, portanto, seria a forma mais eficaz.</i>
B	P ₁	<i>Sim. Pois a brincadeira proporciona uma aprendizagem prazerosa.</i>
	P ₂	<i>Sim. Sempre que possível utilizo de jogos e brincadeiras, com o intuito de realizar uma aprendizagem mais prazerosa.</i>

Pode-se observar nas falas dos professores das duas escolas que a ludicidade é importante para desenvolver uma aprendizagem significativa e prazerosa, trabalhando os conteúdos de forma descontraída e estimulando a interação entre os alunos. O brincar possibilita trabalhar os aspectos psicológicos, emocionais, intelectuais e socioculturais nas crianças.

Nesse sentido, os jogos e as brincadeiras permitem que as crianças testem suas capacidades e experimentem situações do seu dia a dia, as brincadeiras de faz de conta possibilita a criança ter um controle de suas ações e emoções, sendo assim o lúdico desperta no aluno as suas potencialidades.

Todas as atividades denominadas de lúdicas, poderão ser “não lúdica” a depender dos sentimentos que se façam presentes em quem delas está participando, numa determinada circunstância. Por exemplo, uma criança que, por alguma razão biográfica (de modo comum, razão psicológica), não gosta de pular corda; essa atividade- “brincar de pular corda”-, além de incomoda, será chata para ela, e, pois, sem nem uma ludicidade. (LUCKESI, 2014, p. 14).

Segundo o autor, uma brincadeira só é lúdica se despertar em quem a pratica o prazer e o gostar, pois, a brincadeira não é somente a ação de brincar e sim, a emoção envolvida no ato de brincar. A alma da criança deve estar presente no que ela estar fazendo, pois, se a atividade denominada lúdica não desperta o prazer logo ela não estar sendo lúdica para essa criança, pois, ao invés de prazerosa ela se torna incômoda.

Sabendo da importância de se trabalhar com atividades lúdicas para o melhor desenvolvimento cognitivo das crianças tornou-se relevante o terceiro questionamento: **No planejamento de aula, você utiliza a ludicidade como uma importante ferramenta para a alfabetização e letramento?** Pode-se observar as respostas dos professores no quadro 4.

Quadro 4. Ludicidade como ferramenta de alfabetização e letramento. Fonte: Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>Nem sempre. Utilizo cruzadinhas, pinturas referentes ao assunto exposto e faço uso de bastantes atividades práticas.</i>
	P ₂	<i>As aulas são planejadas dentro da realidade pedagógica que a escola oferece, ou seja, quadro branco, pincel, livros, cadernos e voz, mas dentro das possibilidades me esforço para transmitir o conteúdo de uma forma lúdica.</i>
B	P ₁	<i>Sim. Sempre busco trabalhar com materiais lúdicos tendo em vista que o acesso a esses materiais possibilita a interação com o objeto e com o outro despertando gosto e o prazer em trabalhar em conjunto.</i>
	P ₂	<i>Sempre busco trabalhar com materiais lúdicos e confecciona-los em conjunto com os alunos.</i>

Na fala dos entrevistados que contribuíram com este trabalho, relatam que seguem o planejamento da escola, mas, sempre buscam transmitir o conteúdo e aplicar atividades de forma lúdica em sala de aula. Relatam a importância de se ter no planejamento de aula, atividades que despertem o prazer em aprender além dos conteúdos programáticos, pois, através da brincadeira a criança consegue aprender de forma significativa.

A busca constante de um ensino qualidade, instiga a estar sempre à procura de novas formas de ensinar, de novas formas de facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos, buscando entender como se dá a dinâmica do aprender e do ensinar. Com a finalidade de adquirir mais conhecimento através dos relatos dos entrevistados nesse contexto, realizou-se o quarto questionamento: **Você costuma ler para seus alunos histórias da Literatura Infantil? Com que frequência? Poderia citar livros?** No quadro 5 está exposto as falas dos professores.

Quadro 5. Literatura Infantil. Fonte: Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>Adoro ler para meus alunos por que sei que essa é a melhor maneira de formar alunos leitores, leio quase todos os dias.</i>
	P ₂	<i>Sim. Os três carneirinhos, O Lobo e Os Três Porquinhos, Os Contos de Grimm, Sete de um Golpe só e os Tesouros de Contos de fada são lidos cantados e recontados com frequência.</i>
B	P ₁	<i>Sim. Gosto de ler de Monteiro Lobato como o Sítio do Pica-pau Amarelo.</i>
	P ₂	<i>Sim. Gosto de fazer leitura para deleite acervo PNAIC. Ex. As garras do leopardo.</i>

A leitura de histórias da Literatura Infantil se faz presente na rotina escolar dos professores entrevistados de ambas escolas. Os professores demonstraram um

carinho especial com a leitura de contos e histórias para seus alunos, fazendo leituras diariamente com as crianças.

O ato de ler para em sala de aula desperta a curiosidade das crianças em saber o que está escrito dentro dos livros. Assim, a leitura faz com que as crianças viagem pelo mundo da imaginação e explore lugares que ninguém nunca andou, permite que sonhem para fugir da realidade que vivem. O professor tem papel fundamental no despertar da criança para a leitura, pois, ele é quem vai mediar a interação da criança com os livros disponibilizando um ambiente provocador que desperte esse interesse.

Tratando-se do despertar da criança para a leitura de forma agradável e prazerosa, possibilitando ainda o acesso da criança com materiais lúdicos e pedagógicos que venham facilitar o processo de ensino e aprendizagem e para o melhor desenvolvimento da criança tornou-se necessário o quinto questionamento: **Quais dos recursos pedagógicos são mais utilizados por você na prática da leitura e escrita com os alunos do 3º ano?** Os relatos estão expostos no quadro 6.

Quadro 6. Recursos pedagógicos na prática de leitura e escrita. Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>Gibis, histórias em quadrinhos, cópias de textos do quadro e livros, livro didático, fazer leitura em voz alta, coletiva e individual.</i>
	P ₂	<i>Gibis, histórias em quadrinhos, cópias de textos do quadro e livros, livro didático, faço leitura em voz alta, coletiva e individual mídias como TV, DVD, computador, Datashow, histórias contadas em versos (cordel) e histórias narradas.</i>
B	P ₁	<i>Fichas/gravuras/cartazes, cópias de textos do quadro e livros, livro didático, faço leitura em voz alta, coletiva e individual, mídias como TV, DVD, computador, Datashow.</i>
	P ₂	<i>Gibis, histórias em quadrinhos, cópias de textos do quadro e livros, livro didático, faço leitura em voz alta, coletiva e individual, mídias como TV, DVD, computador, Datashow.</i>

Pode-se observar nas respostas obtidas, que os professores utilizam vários recursos pedagógicos na prática de leitura e escrita e não se prendem apenas aos conteúdos programáticos, fazendo uso de vários recursos como: histórias em quadrinho, leitura coletiva e individual, TV, DVD entre outros, as atividades lúdicas são de grande importância na imersão do aluno no mundo da leitura e no processo de ensino e aprendizagem tendo como meta o melhor desenvolvimento do aluno.

São vários os recursos pedagógicos que se pode utilizar para mediar o ensino e aprendizagem, o brincar é uma forma de fazer com que a criança exerça a sua capacidade de criar e para isso o ambiente escolar deve proporcionar a esta criança,

uma variedade de recursos além de oferecer uma diversidade de experiências, pois, se tratando de escolas públicas logo o público alvo dessas instituições, são crianças carentes que só terão acesso a uma diversidade cultura e a recursos pedagógicos no ambiente escolar.

A fim de obter informações de como estar à leitura e a escrita dos alunos de terceiro ano foi perguntado aos professores na sexta questão: **Como você avalia a sua turma quanto à leitura e a escrita?** No quadro 7, pode-se observar as falas dos professores.

Quadro 7. Avaliação da turma quanto à leitura e escrita. Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>As turmas não são homogêneas, temos uma variedade de níveis de assimilação de conteúdos, cada qual em seu tempo de maturação, mas cerca de 70% conseguem superar as expectativas.</i>
	P ₂	<i>A turma apresenta evolução diversificada e níveis de leitura e escrita uniforme.</i>
B	P ₁	<i>Uma turma onde o processo se dá desigual, uma vez que uns já sabem ler e escrever textos e alguns ainda estão conhecendo o alfabeto.</i>
	P ₂	<i>A turma onde se deu paralelo uns sabem ler e outros não sabem escrever bem, em uma turma de 33 alunos 4 não sabem ler.</i>

De acordo com as falas acima, pode-se observar que as turmas não são homogêneas, tendo em mente que o processo acontece individualmente, alguns com mais dificuldades que outros. Assim cabe ao professor identificar as causas do problema utilizando-se de estratégias que possam ajudar o aluno a se desenvolver nota-se também a preocupação dos professores em fazer com que todos os alunos alcancem o mesmo nível de desenvolvimento.

A aprendizagem da leitura é de grande importância, pois, através da leitura pode-se ter uma melhor compreensão de mundo, não basta apenas codificar, identificar as sílabas ou aprender os fonemas se ao ler, não conseguirmos entender o que o texto está dizendo, logo para ler precisamos utilizar todas essas habilidades adquiridas separadamente agora em um único contexto.

Continuando a conversa com os professores entrevistados foi perguntado na sétima questão: **Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?** No quadro 8 se encontram os relatos dos professores.

Quadro 8. Ação do professor frente às dificuldades da leitura e escrita dos alunos. Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>Fico desesperada, passo leitura e escrita de palavras simples. Utilizo recorte e colagens, porém, ainda ficam problemas na aprendizagem.</i>
	P ₂	<i>Diante das dificuldades de leitura e escrita, me coloco sempre como intermediador.</i>
B	P ₁	<i>Tento me adaptar à realidade de cada aluno, procurando trabalhar suas dificuldades com atividades diversificadas, conforme cada nível.</i>
	P ₂	<i>Faço adaptações para a realidade de cada um, procuro trabalhar de forma a facilitar o entendimento dos alunos.</i>

Pode-se concluir, com base nas respostas obtidas, que os professores não medem esforços para que cada aluno consiga alcançar um bom nível de leitura e escrita, para isso buscam desenvolver junto aos alunos estratégias e metodologias que possam vir ajudá-los a desenvolver a leitura e a escrita de forma significativa.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar a importância de se ter profissionais comprometidos com o ensino e aprendizagem dos alunos, que desenvolva um trabalho de mediação da leitura criando uma relação dinâmica entre a leitura das palavras e a leitura de mundo. É preciso compreender o lugar do mediador pois é ele o responsável por organizar o que será repassado.

Para clarear o papel do mediador, é preciso inicialmente, descobrir que leitor somos, ou seja, os livros de que mais gostamos, as histórias que nos comovem ou nos inquietam, e o motivo de tais escolhas em detrimento de outras. Tal descoberta é essencial, pois em uma roda o mediador precisa transmitir a leitura de maneira prazerosa, enquanto o participante que ali está, para que dessa forma ele sinta interesse em ler o que lhe é oferecido. (VICCINI, 2011, p. 14606).

A mediação da leitura deve ser transmitida de forma agradável. O mediador também deve ser um bom leitor (gostar de ler), pois ele precisa transmitir a leitura de forma prazerosa para que o aluno sinta-se à vontade em ouvir e despertar nele o interesse pela leitura. Destaca-se assim, a importância do professor mediador na educação, pois é ele quem vai buscar compreender as dificuldades de seus alunos procurando resolver os problemas encontrados.

Hoje em dia se discute muito a importância da afetividade no ambiente escolar e aumentam as discussões a respeito do baixo rendimento escolar provocado pela maneira de como a criança se sente. Nesse contexto foi perguntado aos professores o oitavo questionamento: **Em sua opinião, até que ponto fatores como ansiedade,**

relação professor e aluno, podem estar associado a problemas de aprendizagem e baixo rendimento? As respostas dos entrevistados estão descritas no quadro 9.

Quadro 9. Fatores que interferem no desenvolvimento da aprendizagem. Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>Acredito que a relação professor e aluno devem ser laços que possam ser aprofundados, porém, os maiores problemas não são referentes ao ambiente escolar mas, sim a problemas familiares.</i>
	P ₂	<i>Os transtornos de ansiedade por si só já prejudicam o aluno, gera uma carga de tensão constante. Se a figura do professor for ameaçadora para o aluno, o problema tende a se agravar, no entanto, o convívio familiar e social é sem dúvida o vilão da aprendizagem.</i>
B	P ₁	<i>Acredito que uma boa relação entre aluno e professor, facilita o aprendizado deste aluno, porém os problemas de baixo rendimento na maioria dos casos, está ligada a não participação da família neste processo.</i>
	P ₂	<i>Acredito que o professor tendo uma relação boa com seus alunos isto ajudará o aluno aprender com facilidade tendo um rendimento favorável.</i>

Conforme o relato dos entrevistados, a relação entre professor e aluno tem um peso muito grande no desenvolvimento cognitivo, quando o trabalho desenvolvido pelo professor envolve a afetividade e estímulos positivo através de técnicas, isso reflete em uma boa produtividade do aluno. Porém relatam que o fator que mais prejudica o desenvolvimento dos alunos é a falta do acompanhamento educacional por parte dos pais e responsáveis e a questão de problemas familiares e sociais.

A participação da família na vida escolar de seus filhos é de muita importância, porém, é o grande desafio enfrentado por gestores e professores, como a ausência dos pais no acompanhamento escolar de seus filhos que gera grandes transtornos no processo de ensino e aprendizagem do aluno. A falta de atenção e apoio familiar gera na criança problemas de ansiedade e mal comportamento, afeta as suas capacidades cognitivas, entre outros problemas.

Sem dúvida, o professor contribui de forma significativa para o desenvolvimento da leitura, vemos que o laço de amizade entre professor e aluno faz com que esse aluno tenha prazer em aprender e assegure a sua permanência na escola, o trabalho realizado pelo professor interfere diretamente na vida familiar e social de cada aluno.

Por se tratar da importância da leitura na vida escolar e social dos alunos enquanto futuros cidadãos, nesse sentido foi perguntado na nona questão: **Os alunos de sua turma frequentam a biblioteca/sala de leitura da escola, sempre que necessário?** O que se pode analisar com base nas respostas dos professores é que

a leitura está sempre presente na rotina de ambas as escolas, seja no cantinho da leitura dentro da sala de aula ou na sala de leitura. Por exemplo, na escola A que não dispõe ainda de um espaço adequado (Biblioteca) para a prática de leitura, os professores se mostram engajados em desenvolver a leitura em seus alunos.

O papel que o professor desempenha na escola possui um grande significado no ensino e aprendizagem da criança, portanto se faz necessário o décimo questionamento: **A escola desenvolve projetos voltados para a leitura e escrita dos alunos?** Ao analisar as respostas obtidas, foi possível observar que a escola “A” faz um acompanhamento constante do nível de leitura de seus alunos, promovendo através de projetos o incentivo à leitura se utilizam ainda de pequenas participações no devocional, apresentações nas noites culturais como ferramentas estimular a leitura.



Figura 6. Projetos Culturais (Escola A, 2018).

No que se refere ao incentivo da leitura na escola “B” ainda não foi realizado projetos voltados especificamente para a leitura e escrita, mas há diversos projetos voltados para a prática interdisciplinar dos conhecimentos.



Figura 7. Apresentações de trabalhos em sala de aula.

Também na Escola B é utilizado o cantinho da leitura como incentivo à leitura proporcionando um local atrativo e acolhedor, se utilizam de pequenas apresentações em sala de aula para estimular a leitura.



Figura 8. Cantinho da leitura (Escola B, 2018).

Desse modo, é necessário que o professor tenha o apoio da escola e da família para desenvolver as habilidades e as capacidades de seus alunos de forma a contribuir cada vez mais com o seu desenvolvimento cognitivo. Seguindo este pensamento tornou-se indispensável o decimo primeiro questionamento: **Em sua turma, quais os desafios no processo de ensino da leitura e escrita?** Demonstrados no quadro 10.

Quadro 10. Desafios enfrentados pelos professores. Professores do 3º ano do EF, Itaituba/PA (2018).

Escola	Entrev.	Relato dos professores
A	P ₁	<i>Falta de apoio da família.</i>
	P ₂	<i>Pouco tempo disponível, turma com muitos alunos, insuficiência de recurso didáticos, ausência do acompanhamento familiar tem sido a maior barreira, pois estimula a indisciplina nas aulas.</i>
B	P ₁	<i>Insuficiência de recursos didáticos e materiais para prepara-los e a falta de apoio da família.</i>
	P ₂	<i>Livros didáticos insuficientes, poucos recursos didáticos e a falta de apoio das famílias.</i>

Segundo os professores, os maiores desafios é fazer com que os pais participem das programações da escola, que acompanhe o desenvolvimento de seus filhos. Outro desafio é a das turmas muito cheias que acabam dificultando a atenção dada para cada aluno, a insuficiência de recursos didáticos, porém o maior desafio encontrado é a falta de apoio dos pais.

Os recursos didáticos, assim como todo e qualquer material que se utiliza na prática educacional que visa promover uma aprendizagem de qualidade não são suficientes, pois a verba também não contempla as necessidades das escolas de forma uniforme. Diante dessas situações, cada professor adquire um tipo de comportamento, uns se utilizam de materiais que estão disponíveis no meio ambiente confeccionando seu próprio material, enquanto outro fazem uso apenas dos materiais disponíveis na escola.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Com a intenção de dar continuidade às atividades desenvolvidas pelos professores nas duas escolas pesquisadas, este estudo deixa como sugestão a continuidade de realização de projetos na área de língua portuguesa, onde o foco seja o incentivo à leitura explorando temas que façam parte do cotidiano dos alunos mostrando as diversas possibilidades de desenvolver a aprendizagem que afetará de forma positiva o crescimento do aluno.

No cantinho da leitura pode ser utilizada a “caixa temática” para trabalhar a alfabetização e letramento, para confeccionar a caixa pode-se usar materiais recicláveis e contar com a ajuda de um colega. A caixa fica disponível para todas as turmas. Além de utilizar o *whatsapp* como recurso para manter os pais informados das atividades que acontecem na sala de aula e na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos levantados abordou-se as concepções teóricas sobre alfabetização e letramento, compreendendo as mudanças ocorridas na educação desde o seu surgimento até os dias atuais. Mudanças essas que vieram a contribuir com o conceito que se tem hoje de alfabetização e letramento. A partir dos estudos realizados por Emília Ferreiro, a alfabetização ganhou novas dimensões, quando ela afirma que o conhecimento se constrói de dentro para fora, quebrando assim com o conceito de alfabetização tradicional, a partir desse momento passou-se a ter uma compreensão mais clara a respeito das etapas do desenvolvimento das crianças e quais caminhos ela percorre até chegar ao domínio da leitura e escrita.

Quando se fala em letramento no Brasil o primeiro nome que surge é o de Magda Soares, busca identificar os conceitos de alfabetização e letramento dizendo que esses dois conceitos se mesclam e muitas vezes se confundem. Alfabetização e letramento estão sempre juntos e como letramento é um conceito relativamente novo muito professores encontram dificuldades em identificar e desenvolver em sala de aula essas duas concepções.

Para compreender como se dá o desenvolvimento da criança destacamos as concepções de Piaget e Vygotsky, que exercem grande influência da educação brasileira, através de seus estudos que mostram que o sujeito está sempre em desenvolvimento e o contato com o outro favorece a troca de conhecimento. Daí, a importância de oferecer as crianças várias experiências e estimular o contato dela com diversos tipos de materiais, objetos, interação social, estimulando a criança a conhecer o novo. Além da influência que a família tem no letramento, pois é no convívio familiar que a criança aprende valores que podem agregar valores bons ou ruins, pois a infância é a etapa de maior aprendizado do sujeito.

Este estudo também abordou os desafios metodológicos da leitura e escrita, identificando os métodos mais utilizados na educação e ressaltando o papel do professor na adaptação dos métodos para a realidade de seus alunos. A metodologia de ensino é necessária para alcançar todo o conhecimento que a criança traz com ela e incorpora este conhecimento no ensino aprendizagem da leitura e escrita exige metodologias que busque a melhor estratégia para ensinar.

Para melhor entendimento se buscou compreender o papel do professor e como ele atua na educação, assim entende-se que o seu papel hoje é de mediar o

conhecimento que a criança traz com ela e que possuem um conhecimento próprio, a imagem que se tinha do professor mudou ao longo do tempo, ele não é mais visto com aquele que detém todo o conhecimento o ensino se tornou mais dinâmico à medida que os estudos vieram clarear as interpretações sobre o processo de ensino e aprendizagem e a atuação do professor no ambiente escolar.

A partir das análises das entrevistas com os professores de terceiro ano das duas escolas públicas de ensino fundamental, conclui-se que, em relação às dificuldades de leitura e escrita, estes se colocam como mediadores na prática de alfabetização e letramento dos alunos. Fazem o uso da leitura na rotina escolar, além de fazerem adaptações de acordo com a realidade de seus alunos e estimulam o bom relacionamento entre professor e aluno, apesar de ainda fazerem uso dos métodos tradicionais para alfabetizar, no entanto, a ludicidade faz parte do planejamento didático.

Os principais problemas encontrados pelos professores estão na ausência dos pais no acompanhamento educacional dos filhos, entendendo que os conflitos familiares refletem diretamente no baixo desempenho do aluno, fatores como a insuficiência de livros e materiais didáticos também são outros fatores que contribuem para o baixo rendimento escolar dos alunos.

Através de projetos as escolas atuam no incentivo à leitura, desenvolvem atividades com vários temas literários, buscando prender a atenção de seus educandos e conseqüentemente estimula a leitura prazerosa. Também utilizam o cantinho da leitura para desenvolver junto aos alunos a prática de leitura, promovendo pequenas apresentações em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

ABUUD; Gláuciane de Alunquerque Cavalcante; SANTOS; Tathiane Cecilia E.S. A Família na clínica fonoaudiológica e psicopedagógica: Uma valiosa parceria. **Psicologia teoria e prática**. 2002.

ARANA, Alba Regina de Azevedo; KLEBIS, Augusta Boa Sorte Oliveira. A Importância do Incentivo à Leitura para o processo de Formação do aluno. **XI Congresso Nacional de educação, EDECERE, PUCPR**, 26 a 29/10/2015.

ARIÉS, Philipe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1986.

BEE, Helen. **A Criança em desenvolvimento**. Trad. VERONESE, Maria Adriana Veriscimo. 9. Ed. Porto Alegre: Artemed, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação a Distância. **Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil, PROINFANTIL**. Brasília, volume 2. 2005.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: Conhecimento de mundo. Brasília: MEC/SEE. Volume 3. 1988.

CAFIERO, Delaine. Literatura como Processo: **Caderno do Professor**. Belo Horizonte, 2005.

CARMO, Análya Cristina Leite Cortez; LIMA, Aline Pinheiro; FERREIRA, Lenilza Silva. Sala de Leitura: Sua Importância na Formação do Aluno – Leitor. **III CONEDU Congresso Nacional de Educação**, Natal, RN. 2016.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influencia na educação. **Revista e-PED-FACOS/CNEC**. Osorio vol.2-n1 agos/2012.

FERNANDES, Sara Patrícia Dias. **Métodos de Ensino da Leitura e da Escrita**: concepções de docentes de 1º ciclo do ensino básico. Instituto Superior de Educação e Ciência ISEC. Portugal, Maio de 2016.

FERREIRO, Emília. **Reflexões Sobre Alfabetização**. 26º ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de Alfabetização, Métodos de Ensino e Conteúdos da Alfabetização**: Perspectivas históricas e desafios atuais. Santa Maria, volume 32, n. 01, 2007.

_____. **Métodos e Didáticas de Alfabetização**: Histórias, Características e modos de fazer de professores: Caderno do Professor. Belo Horizonte. CEALE/FAE/UFMG, 2005.

GARCIA; Heloisa Helena Genovese de Oliveira; MACEDO; Lino de. Reunião de pais na educação infantil: modos de gestão. **Caderno de Pesquisa**. V .41 n. 142 Jan./Abr. 2011.

KANASHIRO, Josilene de Paiva; FRANCO, Sandra Aparecida Pires. A Mediação do Professor no Processo da Leitura e Escrita. **XI Congresso Nacional de Educação, EDUCERE**, Curitiba, 23 a 26/09/2013.

KLEIMAN, Angela B. Os Estudos de Letramento e a Formação de Professor de Língua Materna. **Linguagem em (Dis) Curso – Lemd**, v.8, n.3, p. 487 – 517, Set./Dez. 2008.

KRUG, Flavia Susana. A importância da Leitura na Formação do Leitor. **Revista de Educação do Ideau, REI**. Volume 10 – n.22 Julho – Dezembro, 2015.

LEITE, Maici Duarte; TRIBECK, Priscila Meire de Andrade. Alfabetização e Letramento: Dos Métodos Tradicionais à Perspectiva Social do Alfabetizar Letrando. **V Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educacionais**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. UTFPR. 20 a 22 de maio de 2015.

LOPES, Daniela Aparecida Bernardino; OLIVEIRA, Jeieli Lindiane da Silva; SANTANA, Fabiola; SÃO PAULO, Kelvis Pereira de; BATISTA, Eraido Carlos. A Importância da Relação Entre Escola e Família no Desenvolvimento Intelectual e Afetivo do Aluno. **Revista Saberes, Rolim de Moura**, vol.4 jan/jun de 2016.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ensinar, Brincar e Aprender. **APRENDER- Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação**, Vitória da Conquista, ano IX, N.15, p. 131-136, 2015.

_____. Ludicidade e Formação do Educador. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 13 – 23, Jul./Dez. 2014.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; SODOSKI, Rafaela Beneti. **A Teoria Educacional de Emília Ferreiro**: Reflexões Necessárias. PUCPR, Universidade Estadual de Maringá, 2015.

MANFREDI, Silva Maria. Metodologia do Ensino: diferentes concepções. **Versão Preliminar**. Campinas, 1993.

MANTOVAN, Jéssica Martins. Ampliando o Espaço de Leitura na Escola. **XII Congresso Nacional de Educação, EDUCERE**, PUCPR, 26 a 29/10/2015.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. O Pensamento de Emília Ferreiro sobre alfabetização. Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. **Revista Eletrônica**. São Paulo, Julho de 2003.

MIGUEL, Lucia Oliveira dos Santos; BRAGA, Eliane Rose Maio. **A Importância da Família no Processo de Aprendizagem visando ao Sucesso Escolar**. Programa de Desenvolvimento Educacional. Universidade Estadual de Maringá UEM, 2009.

VIEIRA NETA; Emília Santana; SILVA; Débora Regina Machado. Importância da família na alfabetização da criança. **Revista Interação**, 2014.

NIEMANN, Flavia de Andrade; BRANDOLI, Fernanda. Jean Piaget: um aporte teórico para o construtivismo e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa e da matemática. **IX ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, Universidade de Passo Fundo, RS. 2012.

OLIVEIRA; Andrade dos Santos; VELANGA; Carmen Tereza; PACÍFICO; Juracy Machado. Saberes necessários ao professor mediador da leitura literária Infantil. **Revista EXITUS**. Santarém, PA. 2016.

PELANDRÉ, Nilcéa Lemos; BORTOLOTO, Nelita; MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva; DEBUS, Eliane Santos Dias. **Metodologia do ensino da Língua Portuguesa e Leitura**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

PIAGET, Jean. Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Jean Piaget. **Psicologia Educacional II. FCTUC**, Portugal, 05/2006.

PIRES, Maria das Graças Porto; FERREIRA, Lúcia Gracia; LIMA, Daniel Fernandes. Alfabetização, Professor Alfabetizador e Práticas Pedagógicas. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e literatura**. Volume 6 n. 13. 2010.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. **Alfabetização e Letramento na Escola**. Ministério da Educação, Boletim 09 de junho 2006.

SADOVNIK, Selvane; ECCO, Idanir; NOGARO, Amaldo. A Interrelação Família-Escola na Formação de Filhos/Alunos. **Perspectiva**, Erichim. v. 37, dezembro/2013.

SALOMÃO, Hérica Aparecida Sousa; MARTINI, Marilane. A Importância do lúdico na Educação Infantil: **enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado**. 2007.

SALVADOR, Cesar Coll; ALEMANY, Isabel Gomes; MARTÍ, Eduard; MAJÓS, Teresa Mauri; MESTRES, Mariana Miras; GOÑI, Javier Onrubia; GALLAT, Isabel Solé; GIMÉNEZ, Enric Valls. **Psicologia do Ensino**. Trad. OLIVEIRA, Cristina Maria de. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SANTOS, Acásia Aparecida Angeli dos; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. Lendo Histórias em Família: Influência Sobre o Vocabulário Infantil e Desenho em Leitura e Escrita. **Pisicol. Esc. Educ.** v.1, n.1, p.39-44, 1996.

SANTOS, Carmi Ferraz. Alfabetização e Escolarização: A Instituição do Letramento Escolar. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. (org). **Conceitos e relações**. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Fernanda Cristina Ribeiro dos. **A Ludicidade na Alfabetização: perspectiva e possibilidades de novas aprendizagens**. Monografia, Universidade Tecnológica do Paraná, 2014.

SANTOS, Luana Rocha dos; TONIOSSO, José Pedro. A Importância da Relação Escola- Família. **Caderno de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro- SP, 2014.

SANTOS, Luciene Maciel de Moraes. O Papel da Família na Educação Emocional de Seus Filhos. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Dom Domênio**, 2º ed. 2009.

SANTOS, Maria Lúcia dos. **A Expressão Livre no Aprendizado da Língua Portuguesa**: Pedagogia Freinet. Scipione, SP. 1996.

SANTROCK, John W. **Psicologia Educacional**. Tradução: Denise Durant; Mônica Posemberg; Taís Silva Moteiro Ganeo. 3d. São Paulo. MCGRAW-HILL, 2009.

SAVIANI, Dermeval. Formação de Professores: Aspectos Históricos e Teóricos do Problema no contexto Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14 n.40 jan/abr, 2009.

SHAFFER, David R. Psicologia do Desenvolvimento da Infância e da Adolescência. São Paulo: **Pioneira Thomoson Learning**, 2005.

SILVA, Ana Elizabete Emídio Santos; GUIMARÃES, Antônia das Graças de Jesus; CONCEIÇÃO, Batista da; FARIAS, Tanielly Daiana Pereira. **Leitura na Educação Infantil: práticas necessárias à formação de bons leitores**. PUC, RJ, 2016.

SILVA, Carlos Alberto. Letramento e Escrita nas Series Iniciais do Ensino Fundamental nas escolas públicas de Olinda/PE. **Revista Int. Investig. Cienc. Soc.** Vol. 9 nº1, Julio 2013.

SILVA, Luis Gustavo Moreira da; FERREIRA, Tarcísio José. O Papel de Escola e suas Demandas Sociais. **Periódico Científico Projeção e Docência**. PUC, Goiás, dezembro. 2014.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: As muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. 26º Reunião Anual da ANPEd, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003.

_____. Letramento: um tema em três gêneros. São Paulo texto publicado no periódico "**Presença Pedagógica**", v.2, n. 10. Jul/ago.1996.

_____. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento e Cibercultura. **Educ.Soc.** Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOARES, Thaís Lopes. Letramento e sua Importância na Formação do Professor e do aluno. **Anais da V Semana de Integração Inhumas**. UEG, 2016.

STRONQUIST, Nelly P. Convergência e na Conexão entre gênero e letramento: novos avanços. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n.2, p.301-302, jul/dez.2001.

VICCINI, Carla Gabriele. Professor Mediador, Aluno Leitor. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Curitiba, 07 a 10/11/2011.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

FAI – FACULDADE DE ITAITUBA

ACADÊMICA: ROSANA MYCKELY MARQUES DE OLIVEIRA

TEMA: O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO.

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES DO 3º ANO

Prezado (a) Professor (a),

Sou acadêmica de Pedagogia, e conto com a sua participação nesta pesquisa que tem como objetivo realizar um estudo (monografia de graduação) sobre o processo de ensino e aprendizagem na leitura e escrita com os alunos de 3º ano. Agradeço a participação nessa pesquisa.

I. IDENTIFICAÇÃO:

- a) Graduação: _____
- b) Pós-Graduação: _____
- c) Tempo de trabalho nesta Escola: _____ anos.
- d) Você participou de alguma formação continuada nos últimos dois anos no que se refere à alfabetização e Letramento?

II. PRÁTICA DOCENTE:

1. Qual sua concepção de Alfabetização e Letramento? E sua prática está mais voltada para qual concepção?

2. Você considera possível o emprego de jogos e brincadeiras para alfabetizar no tocante à aprendizagem significativa?

3. No planejamento de aula, você utiliza a ludicidade como uma importante ferramenta para a alfabetização e letramento?

4. Você costuma ler para seus alunos histórias da Literatura Infantil? Com que frequência? Poderia citar os livros?

5. Quais dos recursos pedagógicos abaixo são mais utilizados por você na prática da leitura e escrita com os alunos do 3º ano?

- () Fichas/gravuras/cartazes.
() Gibis, história em quadrinhos.
() Copiar textos do quadro ou do livro.
() Livro didático.
() Fazer leitura em voz alta, coletiva ou individual.
() Mídias: TV, DVD, computador, datashow.
() Outros: _____

6. Como você avalia a sua turma quanto à leitura e à escrita?

7. Como você age diante das dificuldades em leitura e escrita apresentadas pelos alunos?

8. Alguns estudos afirmam que as maiores dificuldades de aprendizagem em leitura e em escrita podem estar ligadas a como a criança se sente no ambiente escolar. Em sua opinião, até que ponto fatores como ansiedade, relação professor e aluno, podem estar associados a problemas de aprendizagem e baixo rendimento?

9. Os alunos de sua turma frequentam a biblioteca/sala de leitura da escola, sempre que necessário?

- () Sim () Não () Às vezes
() Não temos esse espaço pedagógico na escola
Justifique: _____

10. A escola desenvolve projetos voltados para leitura e escrita dos alunos?

- () Projetos com essa temática sempre fazem parte do PPP da Escola.
() Uma vez ao ano é realizado. () Não realizou
() Outros: _____

11. Em sua turma, quais os desafios no processo de ensino da leitura e escrita? Assinale mais de uma alternativa, caso necessário.

- () Pouco tempo disponível.
() Falta de cursos de capacitação.
() Turma com muitos alunos.
() Falta de apoio das famílias.
() Ausência de livros didáticos ou insuficientes.
() Insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los.
() Outros: _____